DEZ./JAN. N° 41 Cz$ 300,00

ÓRGÃO DA EXECUTIVA NACIONAL DO PT

Vitória dos Trabalhadores

O cinturão vermelho de São Paulo

Os sete prefeitos de Minas

O V de Vitória

No Rio, o PT bate

As conquistas do Rio Grande

O quadro político pós-eleitoral

A campanha Lula 89

EDIÇÃO HISTÓRICA

Fevereiro tem:
Jornal da Campanha Lula - 89

LULA PRESIDENTE

A CORRIDA COMEÇOU
AGORA, SÓ DEPENDE DE NÓS

Só tem um jeito de mudar este país: é mudar o governo.
Só tem um jeito de mudar para valer: é levar o PT ao governo.
Para isso, só podemos contar com nosso esforço. Ajude o PT a ajudar você. E avise os amigos: em qualquer agência bancária do país, quem tem fé no PT pode depositar qualquer quantia na conta **"Lula 89 - PT"** que foi aberta no Banco do Brasil para bancar a nossa campanha.

CONTRIBUA PARA A VITÓRIA

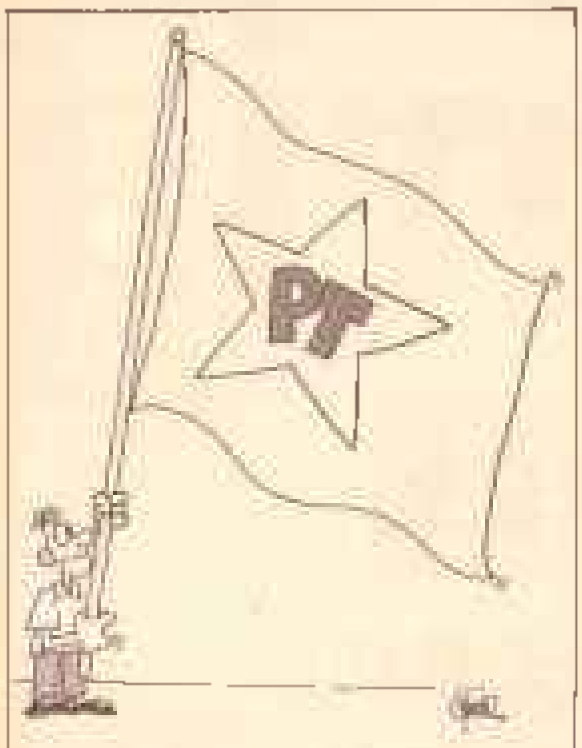
Instruções:

1.º) Preencha a ficha de depósito como o modelo ao lado;

2.º) Deposite quanto puder, não há valor mínimo;

3.º) Guarde o comprovante em seu poder.

Guia de Deposito
0300.X
13.000-1
LULA 89 - PT
502
BANCO DO BRASIL S.A
Cz$



Sumário

Um balanço dos resultados eleitorais ..... **págs. 4 e 5**

PT quer antecipar as eleições presidenciais ..... **pág. 6**

Luis Gushiken é o novo presidente do partido ..... **pág. 7**

As principais vitórias ..... **págs. 8 a 18**

A unificação nacional das campanhas municipais ..... **pág. 20**

Entrevista com Luiza Erundina ..... **pág. 22**

O quadro político pós-eleitoral ..... **págs. 24 e 25**

A campanha presidencial de 1989 ..... **págs. 26 e 27**

Entrevista com Lula ..... **pág. 28**

O frágil equilíbrio da economia ..... **pág. 30**

BOLETIM NACIONAL

Órgão da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores – Rua 11 de Setembro, 266, CEP 4004 , São Paulo/SP – fone 575 2296
Credenciado de Imprensa: Rua Falcão
Editor: Cícero Araújo
Redação: Marisa Lourenço
Colaboradores: Carlos Eduardo de Carvalho, Celso Marcondes, Fernando Machado de Oliveira, Hamilton Pereira, José Gomes da Silva, Kátia Emerick, Luis Ribeiro Dias, Marcos Aurélio Reis, Maria Flora, Persen Abrame, Rogério Medeiros, Sérgio Caneva, Valeri Fabio, Vladimir Pomar e Tom Valter
Fotos: Fleres
Capa: Colnar
Diagramação: Eliana Vasconcelos da Silva, João Francisco Tavares
Tiragem: 30 mil exemplares
Comp., Mont., Fotol. e Impr.: DC – Industria Gráfica & Editora S.A.
Circulação: Arbieto
Impresso em 15/12/88

Para ler e guardar

Essa *edição histórica* do **BN** pretende dar aos leitores um panorama da campanha eleitoral petista esse ano. Os principais momentos, os principais números, as principais dificuldades, as principais vitórias estão aqui registradas para dar uma idéia mais profunda do que foi a ação militante de milhares de pessoas que, em todo o país e por vários meses, se envolveram num fatigante, mas enfim gratificante, trabalho de convencimento político de 75 milhões de eleitores brasileiros. E para que os leitores se dêem conta também do enorme desafio que está colocado para o Partido dos Trabalhadores daqui para frente.

Algumas páginas dessa edição são dedicadas à interpretação do que as urnas mostraram no dia 15 de novembro último: a fragorosa derrota do PMDB, a desarticulação das chamadas forças de centro da política brasileira, a polarização do voto, a capitalização, pelo PT, da insatisfação e da vontade de mudança do povo.

Outras páginas discutem os possíveis desdobramentos da atual conjuntura política e econômica. Destacam-se, particularmente, questões como a sucessão presidencial (e, nela, a candidatura Lula), a crise econômica em que o país está mergulhado e as margens de manobra de que ainda dispõem a dupla Mailson-Abreu para enfrentá-la. Essas análises são a base das orientações políticas que nosso partido deliberou na última reunião do *Diretório Nacional* (realizada no Instituto Cajamar, nos dias 10 e 11 de dezembro passados), que são resumidamente divulgadas aqui.

Quanto a essas orientações, cabe sublinhar a proposta de *antecipação das eleições presidenciais*, que será apresentada pela bancada do PT na Câmara dos Deputados e a do **Plano Econômico Alternativo de Emergência**, a ser apresentado e debatido junto ao conjunto da sociedade brasileira. Outras orientações, também reportadas aqui, dizem respeito à condução da campanha presidencial do PT e às formas da militância já começar a se engajar nela.

Mas o grosso dessa edição histórica é dedicado à divulgação do que foi a campanha municipal em todo o Brasil, especialmente nos locais onde nosso partido esteve no centro dos acontecimentos. Infelizmente, o espaço relativamente limitado do jornal não permitiu um acompanhamento total do pleito. Esperamos, porém, que aqui esteja expresso o que de mais importante ocorreu.

Assim, os leitores poderão encontrar nesse número do **BN** reportagens sobre as nossas vitórias nas capitais do Rio Grande do Sul, São Paulo e Espírito Santo. Nos grandes centros industriais do estado de São Paulo (região do ABCD, Campinas, Santos) e Minas Gerais (Ipatinga, João Monlevade). Em cidades de fortes movimentos rurais (Ronda Alta, Severiano de Almeida, Campo Erê). E poderão encontrar notícias sobre nosso excelente desempenho em Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Pela *memória* que ela cria, essa edição deve ser lida e *guardada*, já que registra um momento *histórico* ímpar da história do PT e do Brasil. Que os leitores façam bom proveito dela.

Brasil

Vitória

A derrota do governo Sarney e do PMDB nas pais e polarizou a disputa

A derrota do governo Sarney e da "Nova República" nas eleições de novembro abriu uma nova conjuntura política no País, promoveu uma antecipação na corrida sucessória e polarizou a disputa presidencial em torno da alternativa democrática-popular representada pela candidatura Lula.

Os avanços do PT (como se vê nas tabelas e nas reportagens desta página e das páginas seguintes) são a principal novidade da conjuntura política, ao refletirem o crescimento orgânico do partido nos últimos dois anos e, ao mesmo tempo, ao se articularem com um momento de expressão do protesto popular contra a política econômica e repressiva do governo Sarney.

O voto no PT, tal como se pretendia na tática eleitoral definida no 5.º Encontro, foi o instrumento deste protesto, adquirindo, pela primeira vez, um caráter de expressão nacional e popular. Mas o voto no PT teve também um sentido ético, de rejeição à corrupção, ao fisiologismo, às falsas promessas. Foi um voto dado à coerência, à combatividade, ao compromisso com os princípios. Finalmente, o voto no PT teve também um conteúdo ideológico, de militância, de um eleitorado fiel e à esquerda.

O que já mudou

Dada a amplitude do voto que recebeu, não é correto o PT considerar este eleitorado como "público cativo". No entanto, é inegável a relação entre o voto do partido e o eleitorado sobre o qual o PT consegue, taticamente, uma hegemonia. Mantê-la dependerá de nossa política de conquistar programaticamente novos setores. Conservarmos e ampliarmos o apoio conquistado dependerá de nossas intervenções na conjuntura de nossa política de alianças.

Os resultados eleitorais, embora ainda não totalmente consolidados e não avaliados oficialmente no partido, apontam, também, para o enfraquecimento do esquema de apoio político do atual governo. O descontrole da inflação, sua política econômica antipopular, sua falta de credibilidade e as denúncias de corrupção que o envolvem colocaram na ordem do dia a necessidade de antecipar as eleições, para o que o PT pretende apresentar uma emenda constitucional (*ver matéria na página 6*).

Outra consequência do 15 de novembro foi o esgotamento do PMDB como eixo partidário da "Nova República". Derrotado e deslocado como força política do centro, caiu sensivelmente o cacife eleitoral de suas principais lideranças, comprometendo-se quase irremediavelmente as pretensões presidenciais de Ulysses, Quercia, Newton Cardoso, Alvaro Dias e Arraes.

Já o PDT, embora tenha colhido uma derrota em Porto Alegre, principal base de Brizola onde detinha a administração municipal, conseguiu recuperar-se no Rio, com uma vitória menor que a prevista. Ainda assim, venceu em várias capitais, às custas de alianças oportunistas. Agora, o crescimento do PT, que deveria ajudar ao PDT e a Brizola conforme seus cálculos, alterou a correlação de forças e desbancou o favoritismo de Brizola.

Com as eleições de novembro, também, ressurgiram elementos para uma rearticulação da direita, a partir do PDS, do PFL e do PTB, com a UDR por trás sobretudo no interior e em áreas predominantemente rurais.

Atemorizados com os resultados eleitorais e com a força da legenda do PT (com 27% das intenções de voto segundo as pesquisas mais recentes em 10 capitais), setores das classes dominantes vêm sugerindo a formação de um pacto anti-Lula. Ao mesmo tempo, incapazes até o momento de arranjarem um candidato de consenso ("de centro"), manobram para impor um parlamentarismo de ocasião.

Novas tarefas

Consequência direta das eleições e de sua trajetória coerente, o PT converteu-se no principal partido de esquerda do País, com implantação significativa no Centro-Sul, mas já com audiência nacional. Crescem, portanto, suas responsabilidades e suas tarefas.

No momento atual, o PT tem entre suas prioridades a campanha presidencial do Lula (*ver matéria na página 26*), considerada o centro tático das ações do partido no período, principalmente agora que o encurtamento do mandato de Sarney entrou na ordem do dia com a proposta de emenda constitucional pela antecipação das eleições.

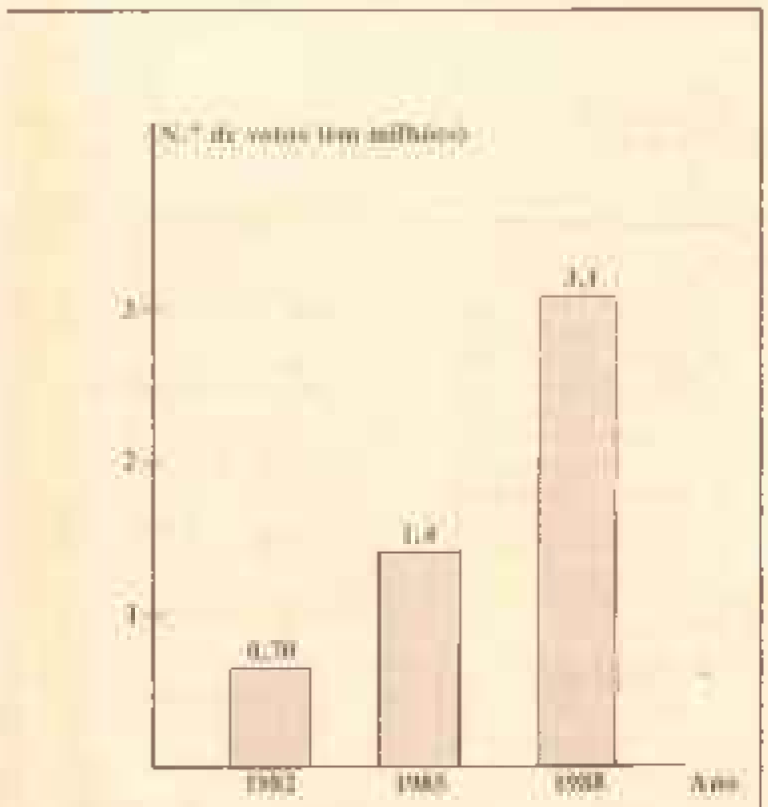
Ativo no Parlamento e presente em todas as lutas do movimento social, o PT tem por tarefa, igualmente, propor e coordenar uma frente política, integrada pelo PDT, PCB, PC do B, PSDB, setores do PMDB, que assegure a vigência e a ampliação das conquistas democráticas inscritas na Constituição.

Do mesmo modo, já foi apresentado ao debate das forças democráticas e progressistas a proposta de um Plano Alternativo de Emergência, contra a política econômica do governo Sar-

O crescimento do PT nas capitais (Total de votos obtidos pelo PT em 25 capitais, 1982-88)

Nacional

eleições abriu uma nova conjuntura política no presidencial em torno do PT



Fonte: "BRASIL EXTRA" (Fev. de 1987) e SORG/PT

ney e o pacto social. Com uma série de medidas para conter a inflação, repor as perdas salariais e retomar o desenvolvimento sobre novas bases, o Plano de Emergência ataca fundo a questão da dívida externa, propondo o deságio de 60% de seu valor, a serem destinados a um Fundo Público de Investimentos e Políticas Sociais (*ver um resumo do Plano na página 6*).

Um PT maior

Tarefa importante para o PT na conjuntura é a concentração de forças na administração das 36 prefeituras conquistadas e na organização da campanha presidencial, que exige não só uma expansão da estrutura partidária, com a adesão de novos filiados, como também o revigoramento de nossa organização - sem o que será impossível dar conta dos novos desafios e dos embates que virão.

Nesse sentido, aumentou a importância do trabalho de formação política e da comunicação do partido como reconheceu o Diretório Nacional em sua última reunião (*as principais resoluções estão na página 7*). Com relação às novas filiações, que têm deixado muitos Diretórios Municipais preocupados, a orientação é clara: de todo novo filiado deve se exigir compromisso de trabalho partidário, contribuição financeira e apresentação de no mínimo um filiado. De preferência, uma reunião com os novos filiados, na qual se discutam os documentos básicos do PT e se certifique da concordância do novo filiado. No caso de dirigentes e/ou parlamentares de outros partidos, é necessário dar-se conhecimento prévio ao respectivo Diretório Regional da intenção de filiação.

Partido dobra o n.º de votos

Apesar do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não ter realizado, até o fechamento dessa edição, a totalização dos votos de cada partido nas eleições de 1988, a Secretaria de Organização do PT calcula que o partido obteve cerca de seis milhões de votos em todo o país.

Se se confirmar que o total de votantes este ano chegou a 60 milhões de pessoas, o desempenho eleitoral do PT deve chegar a 10% deste total, contra 3% em 1982 e 6,2% em 1986 (em 1982, em seu primeiro teste eleitoral, o PT obteve 1.458.719 votos; em 1986, 3,3 milhões de votos).

O crescimento petista fica mais visível ainda quando se considera apenas o desempenho nas capitais: em 1982, o partido obteve, nessas cidades, um total de 708.274 votos e em 1985 (quando só aconteceram eleições nas capitais) 1.421.514 votos. Agora o partido atingiu a marca aproximada de 3,1 milhões de votos, segundo dados recolhidos pela Secretaria de Organização do partido.

Quanto ao número de vereadores, o PT elegeu esse ano 992, comparado com os 179 eleitos em 1982 (ou seja, um crescimento de quase dez vezes). Há que se destacar, nesse caso, uma presença significativa de vereadores apoiados por movimentos rurais (ver matéria na pág. 17).

Analisando-se a estratificação social dos votos, as informações recolhidas pela redação do BN indicam que, nos grandes centros industriais do país, o PT logrou conquistar a maioria dos votos das camadas trabalhadoras.

O caso típico é São Paulo: a prefeita eleita Luiza Erundina alcançou 29,8% do total de votos, enquanto o segundo colocado, Paulo Maluf (PDS), obteve 26%. Mas enquanto nos bairros de classe alta Erundina marcou 27,2% e Maluf 31,4%, nos bairros mais pobres a candidata petista sobe para 34% e o candidato do PDS desce para apenas 16% (ver tabela abaixo).

Estratificação do voto em SP

Classe alta		Classe média		Classe baixa	
(Bairros: Jardins, Pinheiros, Lapa, Perdizes e Butantã)		(Bairros: Ipiranga, Indianópolis, Ibirapuera, Jabaquara, Saúde, Vila Mariana)		(Bairros: Itaquera e Guainazes)	
Candidatos		Candidatos		Candidatos	
Erundina (PT)	27,2%	Erundina (PT)	27,8%	Erundina (PT)	34,0%
Maluf (PDS)	31,4%	Maluf (PDS)	28,6%	Maluf (PDS)	16,0%
Leiva (PMDB)	8,4%	Leiva (PMDB)	11,2%	Leiva (PMDB)	19,0%
Serra(PSDB)	8,4%	Serra (PSDB)	7,6%	Serra (PSDB)	4,0%

*Publicado pelo **Jornal do Brasil**,4/12/88

Conjuntura

Ninguém aguenta mais Sarney

O PT vai propor uma emenda constitucional para antecipar as eleições presidenciais. Lula e nosso programa são uma alternativa contra este governo que o povo quer ver pelas costas o quanto antes

"O grande ator da vitória de 15 de novembro foi o povo e a classe trabalhadora", assinala a Resolução Política do Diretório Nacional, reunido nos últimos dias 10 e 11 de dezembro. O ponto mais importante desta Resolução, que avalia o quadro político do país e as tarefas do PT no próximo período, é a decisão de propor, através de emenda constitucional, e sem uma campanha específica, a antecipação das eleições presidenciais previstas para novembro de 1989.

Depois de analisar o sentido do voto no PT e de constatar a derrota de Sarney, da "Nova República" e do PMDB, o *DN* afirma que "a vitória eleitoral muda a qualidade da atuação de nosso partido e seu papel no conjunto dos partidos de esquerda no país e nos coloca como força hegemônica no campo democrático popular". Retira, também, das mãos da oposição reformista ou liberal a bandeira da alternativa ao governo Sarney.

Esta realidade — de um partido socialista, de trabalhadores, democrático, ser hegemônico na esquerda e ser alternativa real de governo — abre um novo período na história do país, criando condições para uma nova situação política e social que devemos levar em conta na tática do partido.

Diante desta nova situação, o *DN* resolveu adotar como resolução política que o centro da tática do partido é a candidatura Lula e a apresentação do Plano de Ação de Governo. Além disso, definiu o caráter e perfil desta candidatura e a campanha. Para o DN, o PT e a candidatura Lula são uma alternativa real de governo, já que cresce a polarização direita-esquerda e o embate ideológico. Nosso partido, através de uma política de alianças definida no 5.º Encontro, disputará as eleições de 1989 como um programa democrático-popular, porém colocando abertamente o perfil socialista da candidatura Lula.

Mandato encurtado

Dentro da campanha Lula-Presidente, prossegue a Resolução do *DN*, nosso partido defenderá a antecipação das eleições e apresentará uma emenda constitucional no Congresso Nacional (a ser elaborada pela Secretaria-geral e pela liderança da Bancada, uma vez que a definição dos termos da emenda e da data da antecipação das eleições presidenciais dependem de consulta ao texto constitucional).

Segundo a avaliação do *DN*, o governo Sarney é, desde o Colégio Eleitoral, o elemento principal da crise política e econômica do país. Ele representa a transição conservadora e a não-ruptura com a ditadura militar e com o modelo econômico. A aprovação do mandato de 5 anos foi uma verdadeira usurpação da soberania popular. "Nosso partido, que sempre lutou por diretas e pelos 4 anos, não pode ficar impassível frente à grave crise econômica e política cujo centro é o governo Sarney.

Luta combinada

A partir do resultado das urnas, ressalta o DN "a antecipação constitucional das eleições presidenciais trata-se de uma exigência democrática. Por isso, o PT toma a ofensiva e propõe, sem realizar uma campanha específica, a antecipação das eleições presidenciais. Ao fazê-lo, o PT expressa o sentimento da maioria do povo brasileiro que julgou o governo Sarney dia 15 de novembro e sempre exigiu diretas-já. Não fazê-lo seria deixar aprofundar a crise política e econômica que o próprio governo Sarney só faz agravar com sua política econômica, com a fisiologia e com a corrupção.

Além da campanha Lula e da antecipação das eleições presidenciais, o DN discutiu e aprovou um Plano Econômico Alternativo de Emergência (ver matéria nesta página), um calendário para os Encontros do partido (ver na pgina 7), uma orientação para a atuação dos vereadores, prefeitos e vice-prefeitos petistas, além de uma diretriz de combinar a luta contra a política econômica do governo com a luta pela aplicação dos direitos políticos e sociais inscritos na Constituição. Diz a Resolução: "A luta contra a política econômica do governo e contra o pacto social deve ser combinada com a luta pela aplicação dos direitos políticos e sociais inscritos na Constituição. É nossa tarefa mobilizar o movimento sindical e popular para deter a repressão contra o movimento sindical, principalmente os assassinatos no campo e a intervenção das Forças Armadas nas greves. Só com ampla mobilização, com a CUT, o MST, UNE e outras entidades, poderemos deter a ação repressiva do governo e da UDR."

E conclui: "A mobilização da sociedade civil é elemento indispensável para a regulamentação da Constituição não ser feita sob a direção da direita e do governo Sarney."

Um plano contra o caos

O Partido dos Trabalhadores lançou ao debate da sociedade o seu Plano Econômico Alternativo de Emergência, destinado a romper com o imobilismo da política do "feijão com arroz" e que tem como objetivos recuperar o crescimento econômico, combater a inflação e assegurar a recuperação progressiva dos salários.

Embora entenda que só um governo sob a presidência do Lula, e com um programa legitimado e apoiado ativamente pela população, será capaz de enfrentar efetivamente a crise econômica e política do país, o PT lançou seu plano para combater a irresponsabilidade governamental, os riscos de hiperinflação e de crise institucional.

Diferentemente dos pacotes que o governo enfia goela abaixo da população, o Plano Econômico Alternativo de Emergência é uma proposta preliminar a ser discutida e amadurecida pelas forças sociais e políticas que apostam nas transformações democráticas neste país.

Aplicar um plano como este só será possível com um governo que tenha a confiança dos agentes econômicos e o apoio da população. "Não é o caso do governo Sarney", assinala a apresentação do Plano, para depois concluir: "Por isso mesmo, lutamos pela antecipação das eleições presidenciais. Quanto mais cedo tomar posse o novo presidente, mais cedo poderemos ver estas medidas adotadas".

Fundo social

O Plano prevê medidas consistentes e coordenadas no plano da dívida externa - principal condicionante da crise brasileira - da dívida interna, da política cambial e tarifária. Sugere, ainda, uma nova política de preços e salários, a reposição progressiva do poder aquisitivo dos trabalhadores e a adoção do contrato coletivo de trabalho, nos moldes do que vem sendo debatido pela Central Única dos Trabalhadores. Finalmente, alinha uma série de providências nas áreas de política administrativa, nas empresas estatais, na política fiscal e tributária e na política agrícola.

A maior novidade na proposta é a criação de um Fundo de Investimentos e Políticas Sociais, a ser fiscalizado pelo Congresso, cujos recursos seriam aplicados em áreas estratégicas da economia, na montagem de infra-estrutura, na desapropriação de terras para fins de reforma agrária e nas áreas mais carentes e prioritárias, como educação, saúde, habitação e saneamento.

Os recursos para o Fundo viriam dos juros do deságio da dívida externa (o Brasil só reconheceria o valor real da dívida, cerca de 40%), de novas receitas fiscais e tributárias previstas no Plano e da conversão negociada e parcial de títulos da dívida pública. (O DN editará proximamente um caderno com a íntegra do Plano).

Organização

Um encontro para discutir a candidatura Lula e seu vice

O DN marca encontros municipais para abril, estaduais para maio e fixa para 17 de junho um Encontro Nacional Extraordinário. Na mesma reunião, aprovou a criação de um Instituto de Estudos e Assessoria a Prefeituras

Um Encontro Extraordinário, dia 17 de junho, para discutir a tática eleitoral e a organização da campanha Lula, foi definido pelo Diretório Nacional, que estabeleceu um calendário de Encontros e reuniões para este ano. Além disso, o DN adotou outras medidas no plano da organização partidária e aprovou a criação de um instituto de estudos e assessoria.

O Encontro de junho - que será antecipado por uma reunião de dois dias do DN, para discutir especificamente a formação sócio-econômica brasileira e a questão do socialismo - terá como pauta a tática, eleitoral e a organização da campanha presidencial; a vice-presidência; a aprovação do Programa Alternativo de Governo; e a definição da instância a quem caberá tomar a decisão sobre o segundo turno das eleições.

O DN fixou para 22 de abril a realização dos Encontros Municipais; para o dia 20 de maio os estaduais e para 17 de junho o Encontro Nacional, no qual não haverá renovação da direção, que tem mandato até 5 de dezembro de 1989. No caso dos diretórios de São Paulo, Minas, Rio e Paraíba, os Encontros serão antecipados e as direções, renovadas. Os demais, adiados para 1990, terão seus mandatos prorrogados.

Emergência

Outra decisão ligada à organização partidária foi a criação de um grupo de trabalhom encarregado de, até a próxima reunião do Diretório Nacional, apresentar propostas de resoluções sobre mudanças em nossa estrutura organizativa, sobre formação política e comunicação - todos voltadas para dar conta dos novos desafios colocados pela conjuntura pós-eleitoral.

Nesse quadro, incluem-se eventuais modificações na organização dos Encontros e dos núcleos, sobre as quais o atual DN tem competência para decidir pois para isso recebeu mandato do 5.º Encontro Nacional. Já questões organizativas imediatas, como mudanças no Regimento Interno e a questão dos novos mandatos parlamentares terão registro de emergência junto ao Tribunal Superior Eleitoral.

Finalmente, o *DN* estabeleceu o calendário de suas reuniões para 1989. É o seguinte: 18 de fevereiro, 8 de abril, 3 de junho, 12 de agosto e 14 de outubro.

Instituto

Paralelamente à aprovação de mudanças na Executiva Nacional (ver matéria nesta página) e a criação da Secretaria de Assuntos Institucionais, à frente da qual estará o companheiro Luis Dulci, o DN resolveu criar um instituto de estudos e assessoria.

O Instituto terá como objetivo prestar apoio técnico às prefeituras, bem como desenvolver estudos sobre a questão municipal. Prioritariamente, ele prestará assessorias às prefeituras petistas, de acordo com as prioridades definidas pelo DN, mas poderá, também, assessorar outras prefeituras.

Juridicamente autônomo, o instituto estará politicamente subordinado ao *DN*, através da SNAI. Sua viabilização financeira se dará basicamente através da prestação de serviços remunerados às prefeituras, sem prejuízo da necessária busca de outras fontes de financiamento.

O DN aprovou, ainda, uma coordenação provisória, a quem caberá elaborar um plano de atendimento às necessidades emergenciais das prefeituras. Ela é composta pelos companheiros Luis Soares Dulci, Aloisio Mercadante Oliva, Ladislas Dowbor, Ricardo Azevedo e Sérgio Renault. E, para elaborar um projeto de estatutos que dê conta das necessidades políticas definidas pelo DN, forçam indicados os companheiros Adhemar Gianini, Carlos Eduardo Di Pietro e Sérgio Renault, com prazo para apresentarem o estudo até a próxima reunião do DN, em fevereiro.

PT tem novo presidente

Luís Gushiken

O deputado federal Luís Gushiken, 38 anos, secretário sindical nacional e membro da Comissão Executiva Nacional (CEN), é o novo presidente do PT, exercendo o posto durante a licença do presidente nacional Olívio Dutra, que terá de se afastar para assumir a Prefeitura de Porto Alegre a partir de 1.º de janeiro de 1989. Como o presidente do partido é eleito em Encontro, Gushiken foi escolhido pelo Diretório Nacional para cumprir um mandato interino.

A mesma reunião do DN que conduziu Gushiken à presidência, realizada nos dias 10 e 11 de dezembro últimos, promoveu outras mudanças na CEN. Nas vagas deixadas pelos companheiros Jacó Bittar, Djalma Bom e Luís Eduardo Greenhalg (eleitos, respectivamente, prefeito de Campinas, vice de São Bernardo do Campo e vice de São Paulo), foram escolhidos os companheiros Avelino Ganzer, Francisco Weffort e Valdi Camarcio.

Outra alteração importante ocorreu na Bancada Federal. Com a decisão de colocar nas ruas a campanha presidencial, o companheiro Lula, líder do PT na Câmara dos Deputados, deixa o posto. O companheiro Plínio de Arruda Sampaio foi eleito para substituí-lo na próxima legislatura. Ao mesmo tempo, foram escolhidos como primeiro vice-líder o companheiro Virgílio Guimarães, e como segundo vice o companheiro Luís Gushiken.

Como em 1982

Em 1982, o PT enfrentou seu primeiro embate eleitoral. O resultado foi muito inferior ao esperado pela grande maioria da militância e dos dirigentes.

As eleições seguintes - 1985 e 1986 - viram o Partido crescer. Mas ainda parecia para muitos um *outsider* político, e era constantemente apontado como um exemplo de que no Brasil a esquerda não é boa de voto.

O descrédito da "Nova República" e do PMDB, o crescimento orgânico do Partido e dos movimentos sociais nos quais ele se apóia e a postura coerente mantida pelo PT indicavam que os resultados das eleições municipais de 1988 seriam muito positivos. Esperava-se eleger centenas de vereadores, meia centena de prefeitos e fazer o Partido crescer em todo o país

Como em 1982, o resultado nos surpreendeu. Às avessas. Elegemos um grande número de vereadores, outro tanto de prefeitos - em um número até mesmo inferior ao esperado. Contudo, vencemos as eleições em cidades que, juntas, são responsáveis por 30% a 40% do Produto Interno Bruto do país. Entre elas, a principal cidade brasileira, São Paulo.

Nas próximas matérias, analisamos separadamente cada uma das principais vitórias, distribuídas por Estado. As três capitais: São Paulo, Porto Alegre e Vitória As cidades industriais de São Bernardo, Santo André, Diadema, Campinas, Ipatinga, João Monlevade Os portos de Santos e Rio Grande. As vitórias de Angra dos Reis. .

Além disso, analisamos os resultados onde o Partido teve bom desempenho: estrondos em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, nos melhores resultados atingidos pelo PT até hoje nessas cidades.

Por outro lado, o resultado no campo ainda carece de uma melhor análise. Tivemos um grande crescimento, mas aquém do esperado. As regiões Nordeste e Centro-Oeste também são objeto de matérias específicas.

As próximas matérias mostram que o Partido cresceu nos principais centros do país, justamente onde o movimento sindical e popular está mais forte e organizado. Que nestes locais pela primeira vez uma grande parcela dos trabalhadores e dos chamados setore "pobres" da população decidiu votar no seu partido, no Partido dos Trabalhadores.

As 39 conquistas

O PT elegeu prefeitos em 36 municípios (e a vice, em coligação, em mais três), distribuídos por 12 estados. A seguir, a relação de cidades onde o partido ganhou as eleições:

Porto Alegre (RS)
Rio Grande (RS)
Ronda Alta (RS)
Severiano de Almeida (RS)
Balneário Camboriú* (SC)
Campo Erê (SC)
Salto do Lontra (PR)
São João do Triunfo (PR)
São Paulo (SP)
Santos (SP)
Campinas (SP)
São Bernardo (SP)
Santo André (SP)
Diadema (SP)
Piracicaba (SP)
Americana* (SP)
Presidente Bernardes (SP)
Jaboticabal (SP)
Conchas (SP)
Cosmópolis (SP)
Cardoso (SP)
Cedral (SP)
Angra dos Reis (RJ)
João Monlevade (MG)
Ipatinga (MG)
Timóteo (MG)
Dionísio (MG)
Ilicinea (MG)
Santana da Vargem (MG)
Santana do Manhuaçu (MG)
Vitória (ES)
Jaguaré (ES)
Guapó (GO)
Amambai (MS)
Amélia Rodrigues (BA)
Jagaquará (BA)
Icapuí (CE)
Baturité* (CE)
Janduis (RN)

* presença na vice prefeitura

São Paulo

Um

Edmundo Machado de Oliveira *

Pela importância do que estava em jogo, pelo tamanho da derrota do candidato que até às vésperas da eleição aparecia como inevitável ganhador do pleito, a vitória da candidata do PT em São Paulo, Luiza Erundina, bagunçou as análises pós-eleitorais já engatilhadas por muitos analistas. A torrente de informações, análises e palpites que se sucederam ao 15 de novembro procuraram compensar a imagem veiculada durante toda a campanha de que a candidata do PT era praticamente uma carta fora do baralho. Mas o minueto entoado pelos meios de comunicação, oscilando entre a repetição do mote de que tudo fora uma fatalidade do voto de protesto e o refrão do guarda-chuvas petista com sua penca de grupos e subgrupos, não conseguiu, nem pretendeu, chegar ao fundo dos problemas.

Uma data-chave foi 24 de outubro, que poucos perceberam. O programa de TV deste dia trouxe um dos pontos altos das nossas plicações fáceis, então, co- emissões em rádio e TV. Num pronunciamento franco, caloroso, Luiza Erundina conseguiu ferir a fundo as cordas da revolta nacional. Na semana anterior, o pântano econômico-social produzido pelo governo Sarney explodiu sob a forma de uma pouco clara discussão sobre taxas de juros (o Banco Central tinha puxado o rendimento do *overnight* para 50%, de uma hora para outra). Por trás daquele episódio, perfilava-se o espantalho da hiperinflação.

Encarnando todo o posicionamento de anos de nosso Partido, em um momento preciso e de forte tensão, Erundina fez um discurso que tocou no ponto central da conjuntura. Responsabilizou o governo pela crise do País, bateu firme em Sarney, dizendo que ele estava sobrando há muito e que deveria cair fora o quanto antes, colocou os problemas nacionais de fundo da vida do País e que condicionam a vida de todo mundo.

Não há como negar, o Partido vinha num certo torpor. Refletia-se na militância, nos dirigentes e na própria campanha. Alguns podem ter encontrado ex-

A herança que Erundina

Luiza Erundina de Souza, paraibana de Uiraúna, 54 anos, assistente social, vive em São Paulo desde 1971, quando saiu de seu Estado por perseguições políticas que lhe vedaram o acesso à Universidade Federal da Paraíba.

Ex-vereadora e deputada do PT, Erundina vai pegar a segunda maior cidade da América Latina com problemas explosivos pela frente. Problemas históricos e recentes deixados pela administração do prefeito Jânio Quadros. Cidade com mais de 11 milhões de habitantes, São Paulo tem feições de 1.º Mundo rodeado por regiões inteiras, a maioritárias, de grande pobreza. O déficit Habitacional da cidade é de nada menos que 1 milhão de moradias, apenas para ficar num só exemplo.

Como já indicou uma pesquisa feita pelo Partido durante a campanha eleitoral, a população está preocupada principalmente com atrasos de habitação, Transporte, Saúde e Educação e, mais distante, Segurança. Em resumo: a população está preocupada essencialmente em como melhorar suas difíceis condições de vida. Jânio esburacou a cidade com obras no centro, mas não olhou para a periferia da cidade. E deixou um grande rombo orçamentário.

voto na esperança

Os de baixo mostraram disposição popular em encontrar a esperança, chamada Luiza Erundina, chamada PT

O SALTO PARA A PREFEITURA			
1982	1985	1986	1988
eleição p/ governador	eleição p/ prefeito	eleição p/ governador	eleição p/ prefeito
Lula (PT)	Eduardo Suplicy (PT)	Eduardo Suplicy (PT)	Luiza Erundina (PT)
14,3%	19,8%	11,1%	29,8%

mo por exemplo: descrença da direção na candidata, divisões da disputa Plínio X Erundina não superadas e daí por fora. Explicações fáceis que não explicam por que dois membros da Executiva Estadual estiveram na campanha em tempo integral, e um terceiro incorporou-se na reta final. Não explicam também por que cerca da metade dos recursos inevestidos em todo o Estado o foram na Capital.

O fundo, contudo, era outro: todo o Partido acabava se rendendo à fatalidade das pesquisas, onde Erundina não saía dos 10 ou 12%. Mas o estado de ânimo popular era outro. Por baixo da amarga decepção com os políticos, que a imprensa virou e revirou, interpretou e explicou durante todo um ano, havia uma profunda disposição popular de encontrar uma nova esperança. E foi isso que veio à tona depois.

Ao falar certo no momento certo, o programa de 24 de outubro interpretou o sentimento do povo, mas, é óbvio, ele não ganhou a eleição. Demonstrou apenas que o Partido estava vivo e que podia falar no tom que as pessoas queriam escutar. Se é verdade que o PSDB fez um programa de televisão mais competente do que o nosso para mostrar e explicar como e porque Quércia jogava a Polícia Militar contra os grevistas das universidades estaduais, ele não conseguia transmitir a credibilidade que o PT transmitia. Afinal, ilustres membros seus, como o próprio Serra e o ex-governador Montoro, também tinham estado no mesmo Palácio dos Bandeirantes em que se encontra Quércia e ajudaram a frustrar o grande desejo de mudança que o povo sempre alimentou.

Por nossos próprios méritos, pelo desconcerto dos adversários e pela mudança no estado de ânimo da população, invertemos a curva das pesquisas. Em meados de outubro, Leiva empacou e mostrou que não podia ser mais do que um reles tocador de obras de mentirinha. Afinal, com a crise que está aí, e depois do dilúvio chamado Jânio Quadros, poucos acreditavam nas miraculosas obras prometidas por ele e Maluf. Da terceira semana de outubro em diante as pesquisas passaram a registrar que alguma coisa estava se mexendo mais embaixo.

No início de novembro, a nova tendência se firmava. Demos uma demonstração de força no dia 6 de novembro, colocando quase 50 mil pessoas no mesmo local (Praça da Sé) em que, dois ou três dias depois, Quércia e seu candidato não conseguiram colocar nem 15 mil. A fleuma com que Maluf procurou apresentar-se assemelhou-se mais ao recolhimento pânico às vésperas do naufrágio. O vistoso Titanic malufista encalhou nas águas barrentas dos bairros populares, onde ele pretendeu desfilar um surrado populismo criancinha-no-colo. O símbolo de um passado lastimável foi colocado em seu devido lugar: no banco dos réus.

Agora, os dados estão lançados. E não se trata de confiar na sorte. Porque nada do que está aí de novo em São Paulo é fruto do azar. É preciso cuidar da administração de modo que ela abra caminhos novos para o povo participar, opinar e escolher rumos que nos levem a colocar um ponto final na malfadada "Nova República" e descortinar os horizontes de uma nova sociedade.

* Assessor de Imprensa do DR/SP

receberá

A cidade tem a terceira maior dívida do país: 450 milhões de dólares. No momento em que o governo federal quer obrigar Estados e municípios a pagar 25% dessas dívidas, Jânio não se preocupou em negociar nada. Além disso, está deixando propositalmente a frota da Companhia Municipal de Transportes Coletivos sem peças de reposição; os empreiteiros de suas grandiosas obras sem receber e as empresas coletoras do lixo da cidade também com até seis meses.

São estes apenas alguns dos mais graves problemas que a administração petista terá pela frente. (E.M.O.)

A vibrante Erundina é prefeita de 11 milhões de habitantes

Festa popular comemora vitória na Avenida Paulista

Grande São Paulo

O ABCD é vermelho

O berço do Partido dos Trabalhadores elege três prefeitos. Em Diadema, a população referendou a administração petista

As eleições em São Bernardo do Campo foram uma das mais difíceis para o Partido na Região do ABCD, mas a vitória de Maurício Soares compensou o esforço de nossa militância: ganhamos na cidade onde nasceu o PT. E mais: destravou o grito sufocado em 1982, quando o candidato do PT - o mesmo Maurício Soares - fez 15 mil votos a mais do que o segundo lugar. Só que não levou a Prefeitura porque perdeu na sublegenda para o atual prefeito, Aron Galante (PMDB).

A candidatura do PT enfrentou o representante mais destacado dos grupos econômicos locais, o vice-prefeito Walter De Marchi, da coligação PTB/PFL/PDC/PDT, e o candidato do governador do Estado, o ex-prefeito Tito Costa, deputado federal do PMDB. A candidatura do PT obteve 111.788 votos (38,26%), índice superior aos das eleições de 1986 (22,79%) e de 1982 (35,24%). De Marchi ficou em segundo com 87.365 (29,8%) e Tito Costa em terceiro, com 40.453 votos (13,8%).

O PT venceu alicerçado na militância local e com a participação engajada de dirigentes sindicais petistas. A campanha foi exemplar, com os candidatos sendo escolhidos após amplo processo de consulta às bases. O discurso competente dos candidatos e a condução política do Comitê Eleitoral e do DM foram também vitais para a vitória. Mas não foi só: passeata de mulheres, ação da militância nos bairros, corpo-a-corpo, mutirões e a proposta de uma administração integrada no ABCD deram o pique da campanha. O "Abraço ao Paço", no dia 28 de outubro, quando mais de 10 mil pessoas percorreram o centro da cidade e abraçaram a área onde está localizada a Prefeitura e a Câmara Municipal, foi um sinal positivo apontando para a vitória.

Celso Daniel, prefeito de Santo André

Desafios é o que não faltam agora para o prefeito eleito, o advogado Maurício Soares, 49 anos, mineiro de Abaete, há 23 anos trabalhando no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, e o vice Djalma Bom, ex-deputado federal e vice-presidente da Executiva Nacional do Partido. De cara, Maurício e Djalma enfrentarão um orçamento comprometido em 92% com o pagamento do funcionalismo (8.500 pessoas, sendo 500 "fantasmas" com salário de marajá). Terão, enfim, de administrar um município de 319 quilômetros quadrados com cerca de 600 mil habitantes, de alta concentração industrial, com mais de 100 favelas, uma burguesia conservadora e um operariado que - em boa parte - não mora nem vota na cidade.

Maurício Soares, prefeito de São Bernardo

Santo André

Organizar um sistema de planejamento regional com as demais prefeituras do ABC, principalmente nas áreas de saúde, educação e transporte coletivo. Esse é um dos compromissos das administrações petistas da região que o prefeito eleito de Santo André, o engenheiro e professor universitário de Economia Celso Augusto Daniel, 37 anos, pretende encaminhar logo após tomar posse. Celso Daniel diz que o PT procurará, inclusive, prefeitos eleitos por outros partidos para desenvolver esse trabalho integrado na região.

Celso Daniel é natural do próprio município, com 159 quilômetros quadrados e 637 mil habitantes (números de 1985), a 20 quilômetros da capital paulista. Ele venceu a eleição com 173.963 votos, ou seja, 49,6% do total de votantes. Sua vitória foi a derrota do "sindicalismo de resultados". É que o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio Medeiros, apoiou o candidato do PTB, José Amazonas (25% dos votos).

As vitórias do PT no ABC, conforme Celso Daniel, tem uma importância simbólica muito grande. O Partido, lembra, demonstrou em seu berço que está capacitado para ser governo não só destes municípios, como também do Brasil. "Estes resultados fortalecem a candidatura de Lula para a presidência", acrescenta. Quanto a sua eleição, atribui-a "a crença generalizada de que o PT é realmente uma alternativa" e também "ao programa realista de governo que angariou apoio de setores que não são exatamente petistas".

José Augusto, prefeito de Diadema

Celso Daniel pretende acabar com as obras faraônicas em Santo André. "Vamos destinar a maioria dos recursos para obras descentralizadas e na melhoria dos serviços urbanos", justifica. Combaterá a política de troca de favores, substituindo-a "por uma política baseada nos direitos do cidadão, com transparência e aberta à participação popular". O seu vice-prefeito é José Cicote, deputado estadual e presidente do Diretório Regional de São Paulo.

Diadema

Vencer em Diadema era uma questão de honra para o PT, porque foi a única prefeitura conquistada pelo Partido, em todo o País, nas eleições de 1982. Estava em jogo a credibilidade petista de saber governar. O nosso candidato a prefeito não só venceu como fez o triplo de votos do que o alcançado pelo segundo lugar. "Se a gente perdesse, a imprensa burguesa teria calcado chumbo em nós, dizendo que o PT é um partido curto e que perdeu em seu berço", analisa o pre-

feito eleito, José Augusto da Silva Ramos, médico sanitarista de 42 anos, natural de São José do Egito, Pernambuco, que chegou em Diadema em 1973.

Administrar Diadema foi uma escola para o PT. Primeiro porque o prefeito eleito em 1982, o metalúrgico Gilson Menezes, esteve sempre atritado com o Partido. Ele saiu do PT em maio de 1988, quando a Convenção Municipal escolheu José Augusto candidato a prefeito, em vez do chefe de gabinete da Prefeitura, Cláudio Rosa, o preferido de Menezes. Rosa concorreu pelo PSB, apoiado por Menezes. Perderam Rosa e Menezes. Ganharam José Augusto e o PT, porque nas urnas a população depositou votos de confiança no programa do Partido e não na figura do prefeito.

O segundo aprendizado do PT em Diadema foi administrar um município que em 1982 tinha 70% de sua população morando em favelas. O PT buscou soluções democratizando a administração com a criação dos conselhos populares, para discutir o orçamento e definir prioridades na aplicação dos recursos. O dinheiro arrecadado foi aplicado nas áreas de saúde (criação de postos médicos), educação (mais escolas e professores), habitação/urbanismo (regularização das favelas) e transporte urbano (criação da empresa municipal e estatização das privadas). Hoje grande parte das favelas está regularizada e o preço da passagem de ônibus é um dos mais baixos do País.

"Em Diadema, os votos do PT foram os votos do crescimento do Partido, da compreensão do novo, da esperança de mudar esse País", diz José Augusto. O PT agora, segundo ele, pretende trabalhar integrado ao movimento sindical que, aliás, teve participação decisiva na vitória petista ao se engajar em peso na campanha do Partido. O vice-prefeito eleito é o professor Antônio Geraldo Justino.

(Sérgio Canova)

Campinas

A virada de Jacó

Ao anunciar o secretariado um mês antes da eleição, o PT de Campinas aliou a transparência com a competência

Celso Marcondes*

Um mês antes das eleições, o Diretório do PT de Campinas convocou a imprensa para fazer um comunicado inusitado: já estava escolhido o secretariado do governo petista "que ganharia as eleições em 15 de novembro". Os partidos adversários e os jornais tentaram diminuir a importância do fato. Mas a população entendeu direitinho. O PT mostrava de uma só vez duas virtudes essenciais: a transparência em suas relações e a existência de técnicos competentes para governar a cidade junto com o candidato Jacó Bittar.

A campanha ganhou um grande impulso com essa inovação. Afinal, o tradicional era fazer da indicação dos secretários um parto doloroso, que devorava todo o período pós-eleitoral até a posse. Era o momento de "repartir o bolo", de devolver os favores prestados durante a campanha. Jacó, seu vice Toninho e o Diretório do PT romperam com esta prática, ganharam força e um tempo precioso.

Garra nos mutirões

Outros fatores decisivos na campanha vitoriosa foram os mutirões e os comícios diários do último mês de atividades. Era sempre a mesma coisa: um encontro na sede e a "invasão" de um bairro pré-determinado. Todo o mundo batia em todas as portas, entregando a plataforma do Partido e convocando para o comício da noite. Enquanto isso, Jacó e Toninho andavam de um lado para outro cumprimentando e conversando com os moradores. Era assim o "mutirão". Dezenas de petistas, às vezes centenas, "varrendo" o bairro. Depois, vinha o comício. Um pouco de samba ou forró e dá-lhe discurso. Teve comício que juntou mais de

Jacó Bittar, prefeito de Campinas

três mil pessoas, em bairros onde o Partido não tinha trabalho organizado. Um sucesso! O resultado veio nas urnas: 134.996 votos (32,50%).

A combinação desses ingredientes, a garra dos militantes expressa nos mutirões e a "ousadia" no lançamento do secretariado, acrescentada à boa receptividade do nosso programa de TV - simples e direto -, foram as características específicas da campanha em Campinas. Agora, estas mesmas características devem permanecer como marca da administração popular que começa no dia 1.º de janeiro.

Cosmópolis

Se na Grande São Paulo já se formou um cinturão petista, na Região de Campinas ele também começa a existir. O engenheiro civil e professor José Pivatto é o novo prefeito de Cosmópolis, município com 29.064 habitantes que tem sua base econômica na agricultura, a 130 quilômetros da capital. O PT teve 4.997 votos, totalizando 37,47%, o que representa um crescimento surpreendente em relação às eleições de 1982, quando o Partido conquistou apenas 820 votos (7,91%). O PT de Cosmópolis confirmou assim o crescimento apresentado nos últimos anos. Pivatto foi o candidato a deputado estadual mais votado na cidade em 1986. O seu vice é o também engenheiro civil e professor Mauro Pereira. O PT elegeu quatro vereadores no município.

José Pivatto, prefeito de Cosmópolis

Piracicaba

Em Piracicaba, a vitória do economista e deputado estadual José Machado foi espetacular. A arrancada no último mês de campanha deixou em desespero o deputado federal João Herman Neto, candidato da frente liderada pelo PSB. Ele estava em primeiro lugar nas pesquisas, mas começou a cair a partir do momento em que enfrentou o candidato do PT num debate na TV Globo da Região. Daí em diante a população começou a ver mais claro quem era quem e perceber no PT a verdadeira oposição na cidade.

A chapa do PT à Prefeitura de Piracicaba obteve 47.941 votos, ou 34,67% dos votantes e elegeu ainda quatro vereadores. Nas eleições de 1982, o PT conseguiu 5.791 votos (5,64%). O vice-prefeito é o professor universitário Alexandre Alves. O PT administrará um município com 252.079 habitantes, local de usinas de cana-de-açúcar, pequenas e médias empresas e um comércio forte.

*Presidente do PT de Campinas

Cinturão vermelho em Campinas

Cidade	Prefeitos/Vices	Votos	%
Campinas	Jacó Bittar Antônio da Costa Santos	134.996	32,50
Piracicaba	José Machado Alexandre Alves	47.941	34,67
Cosmópolis	José Pivatto Mauro Pereira	4.997	37,47

Santos

Surpresa, para eles

Telma administrará a 2.ª organização de SP

Lane Valiengo *

O ex-prefeito de Santos, Oswaldo Justo, do PMDB, não cansou de avisar (ou ameaçar?), durante toda a campanha: "A dona Telma (candidata a prefeita pelo PT) jamais será prefeita de Santos...".

Só que eles não contavam com uma coisa fundamental: a garra do PT, o longo trabalho de base, junto principalmente à população carente e da periferia, que o Partido vem fazendo em Santos. E veio a surpresa (surpresa só para eles...): a **dona** Telma se elegeu prefeita, sim, na mais disputada, emocionante e nervosa eleição que Santos já viu.

Mesmo enfrentando o poder econômico, a deputada estadual Telma de Souza ganhou. E foi uma vitória bonita, daquelas que dá gosto: foi justamente a população mais humilde de Santos que votou em massa no PT.

A campanha aconteceu exatamente como se esperava: imperou o jogo sujo, os boatos, as tentativas de denegrir a companheira Telma e os candidatos do PT e dos demais partidos que compuseram a UDP-Unidade Democrática Popular (PV, PC do B e PSB). Além de todas as armadilhas, o prefeito atual, que jogou pesado, tem o domínio da mídia, e o único jornal diário de Santos fez campanha aberta pelo candidato do PMDB, Del Bosco Amaral.

Telma conseguiu 73.176 votos, contra 72.183 do candidato do PMDB, uma diferença de apenas 993 votos. E além da Telma para a Prefeitura, foram eleitos para a Câmara Municipal os companheiros Mariângela Duarte, Suely Maia, Altino Dantas (presidente do diretório municipal) e Benedito Furtado, do PSB, que fez parte da coligação comandada pelo PT. O vice-prefeito é o advogado Sérgio Sérvulo da Cunha, do PSB.

Fim de festa

Afinal, Santos se livrou de uma vez de todo o arbítrio com toques ditatoriais que caracteriza a atual administração, que se preocupa em pintar guias e sarjetas e fazer obras de última hora na orla das praias, para agradar as elites, enquanto crianças morrem de fome e miséria nos diques, nas favelas, nos morros.

Na Prefeitura de Santos, o PT terá suas metas prioritárias discutidas com a população, com destaque para a implantação, em regime de urgência de creches nas áreas mais carentes e um mutirão para combater a desnutrição e a desidratação, além da suplementação alimentar para as crianças. E tem mais: o congelamento das tarifas do transporte urbano, obras de contenção das encostas dos morros, que ameaçam dasabar, combate às enchentes na Zona Noroeste, pagamento da URP ao funcionalismo e a criação de subprefeituras nos morros e na Zona Noroeste.

Santos é o município mais importante do Litoral paulista, sede do maior porto da América Latina e que abriga população superior a 500 mil habitantes, dos quais 285 mil são eleitores. Seu orçamento para o próximo ano é o segundo maior do Estado (Cz$ 170 bilhões) e tem importância fundamental para a economia do País, tanto por causa do porto quando por ser a sede de uma região que abriga o maior pólo petroquímico do Brasil, o de Cubatão.

*Jeira se

Avançando no Oeste de SP

Cidade	Prefeito/Vice	N.º de votos	%
Cardoso	João de Oliveira da Silva Edson Eduardo Camargo	[illegible]	43,7
Cedral	Marcio Brandão Figueiredo Mathias Ferreira da Silva	1.016	30,8
Conchas	Paulo Nunes de Almeida José Agostinho Tomazella	3.159	46,2
Jaboticabal	José Giacomo Baccarin Maria da Graça Alves Pereira	10.040	34,6
Pres. Bernardes	Júlio Omar Rodrigues Agamenon Pereira da Silva	4.909	54,6

Rio Grande do Sul

Vence

Uma campanha eleitoral formada por voluntários. Assim pode ser definido o trabalho do PT durante os 45 dias que antecederam as eleições para a Prefeitura de Porto Alegre. O partido mostrou nas urnas, com a diferença de mais de 90 mil votos a favor do candidato petista, Olívio Dutra, que com a participação efetiva da população é possível mudar e enfrentar a corrupção e os exploradores.

Em Porto Alegre, onde a vitória de Olívio Dutra e Tarso Genro (vice) aconteceu com 34% da preferência popular, cerca de 4 mil simpatizantes e militantes revezaram-se na tarefa de mobilizar pessoas, trabalhar dia e noite e multiplicar as adesões aos nossos candidatos.

Uma atividade que começou em julho, quando foi formado o Comitê Eleitoral, com nove pessoas e subdividido mais tarde em várias comissões. Dois meses depois, em 3 de setembro, era lançada oficialmente a campanha da Frente Popular (PT/PCB), com o apoio do PSDB. Presentes cinco mil pessoas e o Lula. Até novembro, a chapa de Olívio e Tarso cresceu a olhos vistos e, no último comício - que percorreu as ruas do centro até a frente da Prefeitura - o número de participantes chegou a 20 mil pessoas. Também a procura de camisetas e adesivos petistas, e a participação nas festas, aumentavam.

Na primeira passeata, a Frente Popular levou apenas mil pessoas às ruas, mas a cada caminhada o número de simpatizantes crescia. Uma das responsáveis por esse crescimento foi a equipe de produção de vídeos dos candidatos. De acordo com um dos produtores, o jornalista Guaracy Cunha, a campanha na televisão foi feita em três fases: "a primeira, com quadros e personagens debochados, tais como 'Dudu Liberado', 'Conversa ao Pé do Tanque',

Presença no

O PT não é só sertão e cidade. É também litoral. Venceu em Rio Grande (RS) e Santos (SP), dois dos principais portos marítimos do País. Em Rio Grande, a vitória do promotor público Paulo Vidal, 36 anos, varreu da prefeitura os governos da Arena/PDS que mandavam na cidade desde o golpe militar de 1964. E provocou impacto, porque Rio Grande é um dos principais municípios do Estado, com uma área de 2.608 quilômetros quadrados e uma população de 170 mil habitantes. E lá, o PT plantou a bandeira da ecologia.

O candidato do PT (em coligação com o PCB e o PCdoB), se destacou como liderança ao enfrentar, na condição de promotor público, poderosas indústrias nacionais e multinacionais que poluem o município.

Chegou a pedir a prisão de proprietários e diretores dessas empresas. Sua coragem sensibilizou a população rio-grandina, que sente orgulho de possuir uma das principais reservas ecológicas do Brasil - o Banhado do Taim. O resultado do desafio veio nas urnas: fez 24.356 votos, contra 20.184 do PDT, 18.218 da coligação PMDB/PFL, [illegible].473 da

o desejo de mudança

O PT gaúcho une a política com a vontade de viver

'Decisão inteligente', 'Vera Radical' e 'o Porta-Voz'. Esta fase durou 20 dias, sendo substituído por um período de demarcação de propostas, que durou dez dias; a virada final foi simbolizada pelo novo 'jingle' de Olívio e Tarso, *Vontade de Mudar*.

"O tipo de política feito pelo PT", disse o vice-prefeito eleito, Tarso Genro, "despertou as melhores emoções nos indivíduos. Uniu a política com a vonda de viver". Por isso, acrescenta, "não foi estranho ver e ouvir a guarra que caracterizaram todas as manifestações do partido durante a campanha".

Plano de governo

A conquista da Prefeitura de Porto Alegre é, para Olívio Dutra, 47 anos, presidente nacional do nosso Partido, "importante passo para transformar as estruturas sociais visando promover a justiça, o bem estar e a democracia". Com base nessa visão, entende que o PT na prefeitura "amplia espaços de participação e decisão populares nos assuntos públicos".

Para atingir essas metas, acrescenta Olívio, só idéias não bastam. É preciso colocá las em prática. E o que fará em Porto Alegre, a começar com a alteração da política de aplicação dos recursos públicos, priorizando os serviços prestados diretamente à população. Na área administrativa, o PT adequará a máquina municipal à proposta de um governo popular e participativo. Será feita uma auditoria nos órgãos municipais para apurar irregularidades e implementado um processo de recuperação salarial do funcionalismo, com o fim de privilégios e com a criação de um plano de carreira, com a participação de categoria.

A política tributária também está na mira do PT, lembra Olívio Dutra. Os impostos serão cobrados de acordo com a real faixa de renda da população. Quem tem mais, paga mais. Para o meio ambiente, será estabelecido um plano de ação em conjunto com entidades ecológicas, do movimento sindical e popular, prefeituras da região metropolitana e instituições governamentais estaduais e federais. Quanto à habitação e urbanismo, o PT pretende regularizar a posse de terra nas vilas periféricas, reestruturar o Plano Diretor e recuperar os serviços urbanos básicos: conservação das vias públicas, rede pluvial, iluminação pública e limpeza.

Na área de saúde, Olívio Dutra frisa que o PT elaborará um Código Sanitário e um Plano de Saúde com a participação popular e de entidades do setor, além de um Programa de Assistência Integral à Mulher. Nos transportes, será revisto o preço das passagens e aumentaria a participação da companhia municipal nas linhas urbanas. E na área de educação, o PT propõe uma educação voltada para a realidade social da população, com vistas a desenvolver sua capacidade e participação comunitárias.

Outros assuntos prioritários, conclui Olívio Dutra, como segurança pública, abastecimento, assistência ao menor e política cultural, estão ainda em fases de estudos, mas serão também atendidos.

Olívio Dutra: vitoriosa a força do PT gaúcho

Passeata portas nas ruas de Porto Alegre

Sérgio Jaeger

litoral e no campo

coligação PSDB/PSB e 7.470 do PDS.

As prioridades em Rio Grande serão as áreas de saúde (criação da secretaria municipal), educação (recuperação e ampliação da rede escolar) e meio ambiente (apoio a técnicos alemães que já desenvolvem projetos no município). Será recuperada a empresa municipal de transportes e sanado o quadro de funcionários (fim dos marajás, do acúmulo de cargos e do desvio de funções). O vice-prefeito é o conferente Ademir Casarpelli, 28 anos, do PCdoB. O PT elegeu apenas um vereador: Clóvis Ramos, 33 anos, engenheiro mecânico.

Campo

A árvore plantada em 1981 quando mais de 700 famílias de agricultores sem-terra acamparam na Encruzilhada Natalino, município de Ronda Alta, não parou de dar frutos. Um pequeno proprietário chamado Saul Barbosa, hoje com 46 anos, foi uma das pessoas que mais ajudou os acampados. Os sem-terra conquistaram a terra em 1983. Saul Barbosa foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em 1984, com o apoio desses mesmo sem-terra. E agora, em 1988, Saul Barbosa foi eleito prefeito do município. Ele fez 3 305 votos (48,5%) e o PT elegeu quatro dos nove vereadores da Câmara Municipal. Uma deles é a professora Salete Campigoto, antiga acampada da Encruzilhada Natalino.

Ronda Alta é um município de 707 quilômetros quadrados, com 18 mil habitantes, localizado na Região do Alto Uruguai gaúcho. Nessa mesma região, o PT elegeu mais um prefeito: o dentista Nilo Zago, 48 anos, de Severiano de Almeida, município com 3.500 habitantes.

QUATRO PREFEITOS GAÚCHOS

Cidade	Prefeito/vice	N.º de votos	%
Porto Alegre	Olívio Dutra Tarso Genro	247.517	34,3
Rio Grande	Paulo Vidal Ademir Casarpelli	24 356	26,8
Ronda Alta	Saul Barbosa Abrolino L. Matei	3.305	53,2
Severino de Almeida	Nilo Zago José Nerpoló	801	49,7

Espírito Santo

O V de Vitória

O PT capixaba venceu em duas cidades - na capital e em Jaguaré - alterando o perfil político do estado. Em Vitória, foi inútil a união das principais lideranças conservadoras contra o nosso candidato

Rogério Medeiros*

Em Vitória, o deputado federal pelo PT Vitor Buaiz ganhou a prefeitura derrotando as principais forças políticas do Espírito Santo, que reuniram o senador Gerson Camata (PMDB), o ex-governador Élcio Álvares (PFL) e o prefeito Hermes Laranja (PMDB) na candidatura do deputado estadual Nilton Gomes, do PFL.

O significado da vitória está exatamente na proporção em que ela altera o perfil político do estado. E foi essa questão que levou as principais lideranças conservadoras a se juntarem, deixando de lado antigas desavenças partidárias para concentrar forças numa só candidatura.

A candidatura de Nilton Gomes - o deputado estadual mais votado em Vitória - foi atrelada à popularidade do senador Gerson Camata, à influência do ex-governador Élcio Alvares junto ao funcionalismo público, e ainda à máquina administrativa da prefeitura, manipulada por um prefeito inescrupuloso.

Por ser Nilton Gomes um radialista que dirige um dos programas de maior audiência da cidade, de cunho paternalista, concentraram a campanha na periferia, acostumada a receber dele cadeira de rodas, muletas, roupas e principalmente cesta de comida. Para o eleitorado de classe média, adotaram a estratégia de mantê-lo sob a "ameaça comunista" e o "radicalismo" do PT, contando, para fazer esse jogo, com uma imprensa serviçal.

Interesses maiores

A aliança Camata-Élcio ia além do interesse de conquistar a prefeitura de Vitória. Esse tipo de união, que em política é conhecida como "legítima defesa", visava mais à frente: impedir que um novo fenômeno de massa, Vitor Buaiz, apoiado na força de seu partido e dos demais partidos de esquerda, se credenciasse, em seguida, para disputar também o governo do estado. Isso baseado nos seguintes fatos: em 1985, Vitor Buaiz quase ganhou as eleições na capital. Em 1986, tornou-se o terceiro deputado federal mais votado do estado. Obteve 80 mil votos num eleitorado de apenas 900 mil eleitores. Em 88, todas as pesquisas feitas antes da companha apontavam Vitor como favorito.

Porém, a possibilidade dessa concentração de forças tradicionais e conservadoras contra sua candidatura permitiu ao PT reunir em torno dela todos os demais partidos de esquerda: PC do B, PCB, PSB, PSDB e PV - formando a *Frente Vitória*.

Por que os políticos tradicionais se sentiam tão ameaçados? É que Vitória, além de irradiar imagem para todo o estado, concentra em torno de si quatro municípios dormitórios, distantes entre 13 e 20 quilômetros, onde se encontram 68% do eleitorado do Espírito Santo; com capacidade, portanto, para decidir a eleição para o governo do estado. E esse contingente eleitoral vive praticamente em Vitória, para onde se dirige todos os dias para trabalhar.

"Frente Laranja"

Apesar de sua importância, numericamente a vitória de Vitor não foi elástica. Em um eleitorado de 140 mil pessoas, a chapa Vitor Buaiz - Rogério Medeiros, ganhou por pouco menos de 14 mil votos (50.299 contra 37 mil votos). Sua expressão está na vitória do PT e também na medida que desarticula todas as lideranças conservadoras do estado, que até então nunca haviam sido incomodadas. Além de mostrar o grau de maturidade do PT capixaba, que costurou a maior aliança política à esquerda do país, acrescida da competência do partido para enfrentar a maior máquina de corrupção eleitoral montada no Espírito Santo.

Nosso desempenho no ES			
Cidade	Prefeito/vice	N.º de votos	%
Vitória	Vitor Buaiz Rogério Medeiros	50 299	38,6
Jaguaré	Túlio Pariz Zoel Bonomo	2.994	46

É interessante registrar o procedimento dos demais candidatos a prefeito, que serviram como força auxiliar da candidatura Nilton Gomes. O tempo da televisão desses candidatos foi utilizado para atacar apenas o candidato do PT. Era um conjunto que ficou conhecido no pleito como "Frente Laranja", em referência ao processo de corrupção que exerceu sobre eles o prefeito Hermes Laranja.

Jaguaré

O professor e pequeno agricultor Túlio Pariz foi eleito prefeito pelo PT na cidade de Jaguaré (ao norte do Espírito Santo, 220 km de Vitória). Túlio obteve 2.994 votos, contra 2.388 votos da coligação PMDB - PDC (46% a 36%). O vice eleito, Zoel Bonomo, também é pequeno agricultor.

Jaguaré é uma cidade de 23 mil habitantes, dois terços dos quais vivem na zona rural, e sua base econômica é a produção de café, pimenta, mamão e feijão. A maioria dos votos petistas veio do campo.

Segundo Túlio, a campanha do partido esteve centrada na luta pela terra pois Jaguaré tem um grande número de famílias sem terra, e uma experiência positiva de assentamento de outras 45 famílias. "Nossa campanha foi ideológica, acima de tudo limpa, sem nenhuma promessa", diz. "Como dispúnhamos de poucos recursos - um Fiat 84 com aparelho de som emprestado e um Fusca 67 sem som - o essencial foi mesmo a militância que, na base do corpo-a-corpo, fez reuniões nos bairros, nas ruas, discutindo noss programa".

O prefeito eleito informa também que o plano imediato de ação do governo foi elaborado em assembléias do MAP (Movimento de Ação Política, criado há 4 anos), formadas por representantes da comunidade local. Os nomes do secretariado também já foram escolhidos pelo MAP.

Vila Velha

Infelizmente, o PT do Espírito Santo também amargou uma derrota. Em Vila Velha - a 2.º cidade do estado -, o partido vencera as eleições para a prefeitura em 87, para um mandato-tampão de um ano. Agora, a chapa petista encabeçada pelos companheiros Cláudio Vereza e Irine Lopes obteve 11% dos votos, sendo derrotada pelo candidato do PSDB, Jorge Anders (*no próximo número do* **BN**, *um balanço completo da administração e da campanha eleitoral de Vila Velha*).

*Vice-prefeito eleito de Vitória (ES)

O Espírito Santo votou em Buaiz (ao centro da foto)

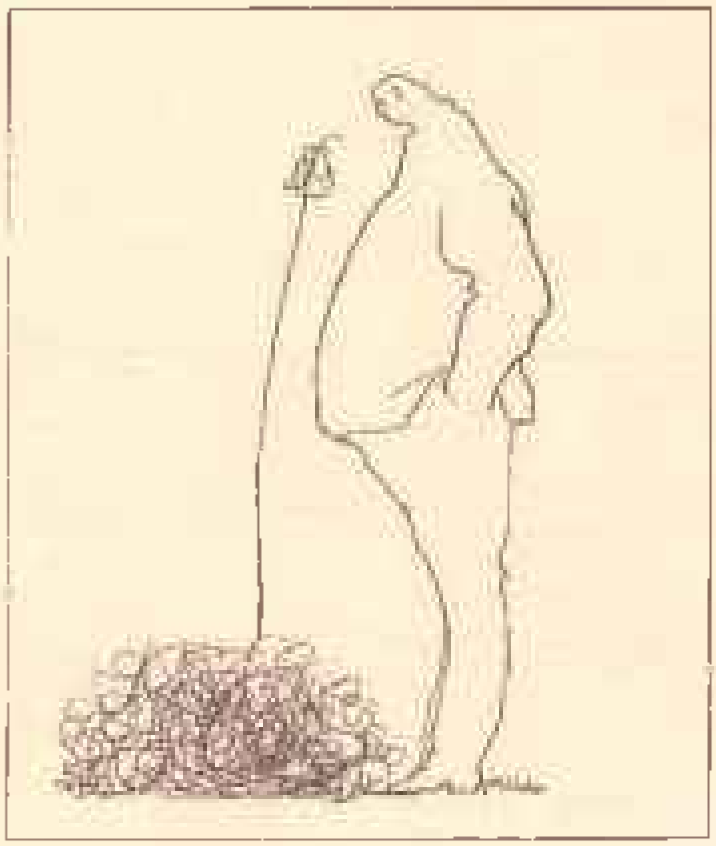
Rio de Janeiro

O carioca Bittô

Do verbo "Bittar", votar em Jorge Bittar, candidato do partido às eleições para prefeito do Rio de Janeiro, que obteve 550 mil votos

Marcos Aurão Reis *

O circo estava armado para a inconteste vitória brizolista e a afirmação relativa dos "tucanos". A direita, também, contava marcar seus pontinhos. E crescia a candidatura do macaco Tião... Jorge Bittar, do PT, arrastava-se com seus miseráveis 6%, quinto colocado nas chamadas "preferências do eleitorado". Aí, tocaram fogo na lona. Reivindicando simples reposição salarial, os metalúrgicos de Volta Redonda tornaram-se, de repente, responsáveis pela maior boca de urna que já se viu nesse país. Resultado: saltando para o segundo lugar, o candidato petista alcançou 550 mil votos, dobrando a votação de Gabeira, em 1986, e arrastando o partido para fora do gueto. Eis o resumo da história:



1982 eleição p/governador	eleição p/prefeito	1986 eleição p/governador	1988 eleição p/prefeito
Leonel Brizola PDT 41,4	Roberto Saturnino PDT 39,26	Darcy Ribeiro PDT 35,41	Marcelo Alencar PDT 31,65
Lysâneas Maciel PT 4,2	Wilson Farias PT 0,98	Fernando Gabeira PT-PV 9,0	Jorge Bittar PT 17,54

Em 1982, o PT elegeu 2 vereadores, um no Rio e outro em Volta Redonda. Agora são 4, no Rio; 3, em Volta Redonda. Além da Prefeitura de Angra dos Reis, onde temos mais 3 vereadores. E sem contar os outros 7, em mais seis municípios. Nossa bancada parlamentar inclui, ainda, 4 deputados estaduais e 2 federais, eleitos em 1985, com 3,5% dos votos.

Porque PT?

Em primeiro lugar, é preciso ter claro que o volume de votos nulos e brancos, somados às abstenções (vão a mais de 1 milhão), demonstram que o PT não cresceu tanto assim na massa revoltada e desiludida. Capitalizou foi a radicalização do eleitorado, progressista, que mudou seu voto à última hora.

Ficaram transparentes, também, os limites da televisão. Numa programação tão ridícula que gerou quadros para a TV Pirata, destacaram-se os esquetes do candidato do PMDB... mas Colagrossi não foi além dos 4%. Jorge Bittar, conseguiu passar uma imagem de integridade suficiente para polarizar, via propostas que pareciam viáveis. E era um petista candidato do PT, provando que o partido não carece de se diluir para obter votações mais expressivas, seu próprio perfil mobiliza.

E agora, José?

E Angra, como em outros 37 municípios brasileiros, está o PT diante de duas questões sérias. A primeira: vamos administrar bem a máquina estatal ou utilizá-la para continuar a mobilização do povo?

A escolha não é simples, pois sem uma administração minimamente competente, está provado, o povo se afasta. E, no entanto, mesmo com as regras da nova Constituição, o poder não passa muito pelos municípios, aos quais cabe a administração pública, serviços, nada mais. E o Estado federal que define a localização dos pólos industriais, das ZPEs, o eventual fechamento de Volta Redonda, o atendimento às reivindicações por melhoria de condições de trabalho - via política salarial. Em coisas que tais o município não pia.

Assim, como o PT vai assumir a máquina estatal sem esfarelar a máquina partidária? É o segundo grande problema.

Sem dúvida, a luta contra a corrupção é importante, mas trata-se de batalha limitada, todos sabemos. A função do governo popular democrático não será fazer *mais*, mas fazer *diferente*.

Deixar dessa história de querer ser melhor que os outros, e tratar de encaminhar, por exemplo, outro tipo de educação, com livros diferentes e outros currículos; não cuidar somente de distribuir mais ou menos títulos de terra, mas estar na frente das lutas pela reforma agrária.

Na realidade, não é preciso falir a Prefeitura para melhorar a qualidade de vida do povo e dar contribuição decisiva a seu nível de organização.

* Jornalista

Um japonês de Sampa no litoral fluminense

Angra dos Reis - 45 mil eleitores, cerca de 800 km2 (mais da metade montanhosos) e 350 ilhas, com um orçamento de Cz$ 7,5 bilhões (60% destinados ao pagamento de pessoal) - elegeu prefeito o petista Neiróbis Nagae, dentista de profissão, que vai governar com o apoio de três vereadores, 2 metalúrgicos e 1 professor, entre os 17 que ingressarão na Câmara. Ele obteve 28,5% da votação, quase o dobro do 2.º colocado, saindo vitorioso em praticamente todas as urnas. No pleito anterior, o candidato do partido, atual deputado estadual, Luiz Paes Selles, alcançou 20,9%.

Neiróbis, 44, paulista de nascimento, veio pra Angra com apenas 2 anos de idade. Sempre à frente dos movimentos populares, através da Pastoral local, ele foi presidente da Sape - Sociedade Angrense de Proteção Ecológica, e ajudou a fundar o Diretório Municipal, que existe desde 1982.

No seu secretariado, Neiróbis vai ter a colaboração de duas figuras importantes: Paulo Benzi, dentista como ele, na Saúde, e Zequinha Miguel, professor e teatrólogo, na Educação. As idéias são abrir a Prefeitura, com a criação de conselhos populares, regularizar os loteamentos clandestinos, acabar com o despejo in natura dos dejetos no mar e abrir as praias do continente ao turismo popular. O novo prefeito teme, ainda, que a desativação do presídio da Ilha Grande, leve à ocupação das terras por uns poucos privilegiados.

Energia nuclear por gás natural

De imediato, seus planos incluem a formação de um grupo independente para a fiscalização das instalações das usinas atômicas e, em caso de acidente, saber como ficará a situação dos 110 mil habitantes da cidade.

- Não basta consertar estradas para evacuar a população. É preciso saber quem ficará responsável pelos patrimônios abandonados, quem indenizará os prejuízos, para onde e em que condições serão levados os angrenses.

Ciente de que não pode determinar o fechamento de Angra 1, e preocupado com os empregos do pessoal da Usina, Neiróbis tem uma proposta a longo prazo: substituir a fonte energética nuclear pelo gás natural, a exemplo do que já foi feito em algumas cidades da Itália. (MAR)

Centro-Oeste

Solapando bases da UDR

Com dois excelentes resultados - Goiânia e Anápolis - e mais duas vitórias efetivas - Guapó (GO) e Amambaí (MS) - o PT abala oligarquias

Na terra da UDR — além do Paraná, é na região Centro-Oeste, especialmente em Goiás, que a UDR está mais organizada —, o PT conseguiu marcar vários pontos e ampliar sua penetração junto à população. Apesar das pressões das forças conservadoras , que envolveram até ameaças de morte, o partido conquistou uma prefeitura em Goiás (Guapó, uma cidade de 12 mil habitantes a 25 km de Goiânia) e outra no Mato Grosso do Sul (Amambai, município de 45 mil habitantes na fronteira com o Paraguai). E elegeu quase duas dezenas de vereadores.

Ainda não foi desta vez que ganhamos a prefeitura de Goiânia. Nessas eleições, o PT voltou a ter um excelente desempenho eleitoral em Goiânia. O candidato do partido, Pedro Wilson, reitor da Universidade Católica de Goiás, conquistou 27,11% dos votos contra 30,29% de Nion Albernardes, do PMDB, que venceu as eleições. O resultado não surpreendeu os petistas, embora as pesquisas eleitorais colocassem o candidato do PT em terceiro lugar na preferência do eleitorado, com 7 a 8% das intenções de voto. Nas eleições anteriores, com Darci Acorsi como candidato, o partido só não venceu as eleições em função da fraude na apuração. Logo depois de abertas as urnas, o PT saiu na frente, mantinha a vantagem e o então governador Iris Rezende chegou a admitir publicamente a derrota de seu partido. Num passe de mágica, as apurações foram suspensas na II Zona e, quando foram retomadas, o PT perdeu a vantagem. O recurso do partido, embora o juiz eleitoral tenha reconhecido a existência de irregularidades, acabou indeferido.

Também em Anápolis, berço eleitoral do governador Henrique Santillo, o candidato petista teve um grande apoio popular. Recebeu 30,89% dos votos, e só não bateu o candidato do PMDB e da UDR por uma diferença de 1.500 votos, menos de 2%. Às vésperas da eleição, o governador sentiu a força do PT e, para conseguir a vitória, chegou a distribuir cestas de alimentos entre a população carente.

A vitória petista foi comemorada em Guapó, com a eleição de Moacir Lacerda Ventura, um pequeno agricultor, que arrebatou 40,83% dos votos contra 29,33% do candidato do PMDB. Na Câmara, o partido fez cinco dos nove vereadores da cidade. Também em Amambai, no Mato Grosso do Sul, o candidato petista, Anilson Rodrigues de Souza, o Prego, venceu por uma folga da margem: 36,2% contra 26,5% do candidato do PMDB. Mas lá só conquistamos um lugar na Câmara Municipal — e José Liberato, o vereador eleito, chegou a ser ameaçado de morte por pessoas ligadas à UDR

Nas capitais do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso, o PT não apresentou um bom desempenho eleitoral. Em Campo Grande, o candidato do partido, o professor universitário Alcides Faria, obteve 4% dos votos. Em Cuiabá, a coligação PV/PT/PC do B/PSB ficou com 4,2% contra os 2% obtidos pelo PT na eleição anterior. Mesmo assim, o partido cresceu. Em Mato Grosso, elegemos um total de nove vereadores no Estado, numa campanha difícil, marcada por vários enfrentamentos com a UDR — principalmente na região do Baixo Araguaia onde o PT é mais organizado. Em Pontes e Lacerda, por exemplo, nosso candidato ficou em segundo lugar na disputa eleitoral. E em Vila Rica, onde fizemos dois vereadores, foi preciso constituir um comitê de defesa da integridade física de nossos candidatos.

Pedro Wilson (prim. à esq.), candidato do PT em Goiânia

Paraná e S. Catarina

São João do triunfo

O técnico agrícola José Maria Tardim, 26 anos, é o prefeito petista de São João do Triunfo, município paranaense de 664 quilômetros quadrados da Região Centro do Estado, com cerca de 17 mil habitantes. O PT conquistou 2.402 votos, quase 50% do total de votantes. A votória deveu-se ao trabalho de organização junto aos 1.342 pequenos proprietários e ao apoio do padre Estevão Hubert. O PT elegeu 3 vereadores.

Salto do Lontra

O professor João Maria D'Liz é o outro prefeito petista do Paraná, ao vencer a eleição em Salto do Lontra, município de 727 quilômetros quadrados, no Sudoeste do Estado, com 3.470 votos (38%). Salto do Lontra tem 20 mil habitantes e destaca-se por ser local de forte organização dos trabalhadores rurais sem-terra e de assentados (aqueles que já conquistaram a terra na luta). O PT elegeu 2 vereadores.

Campo Erê

PT quebrou a hegemonia do PMDB à frente da Prefeitura de Campo Erê catarinense na divisa com o Paraná, ao eleger o sindicalista e agricultor Waldemar Dalmagro. O PT fez 5.393 votos, contra 5.004 do PMDB e 1.239 do PDS. Em Campo Erê, está localizado o maior acampamento de sem-terra do Estado, o que garantiu a vitória do Partido. Somente dos sem-terra, o PT recebeu em torno de 1.300 votos.

Voto com sabor de alforria

Hamilton Pereira*

A vitória eleitoral do PT nos grandes centros urbanos não deve obscurecer a necessidade de uma leitura atenta dos resultados no interior. Sobram nos meios de comunicação proclamações de vitória vindas de todos os concorrentes.

A UDR, uma organização de latifundiários especializada em fazer afirmações que ninguém pode conferir, afirmou que elegeu a metade dos prefeitos do país. Caiado busca vender aos brasileiros a imagem de uma direita unificada sob o comando da UDR. A rigor, essa entidade sai do processo eleitoral com uma experiência amarga. Quem quer fazer política que organize um partido. Como a UDR não teve a coragem de se formalizar como um partido, tem hoje que dividir os ganhos com todas as legendas que utilizou. Assim, sai com poucos dividendos para barganhar com seus parceiros da direita.

Esse fato serve para indicar que a UDR é uma camisa demasiado estreita para vestir a multiplicidade de interesses latentes ou explícitos das velhas, e das novas, oligarquias detentoras do poder local no interior.

Os resultados eleitorais mostram o desaparecimento das velhas oligarquias. A emergência de novas e a consolidação de outras, especialmente em áreas onde a agropecuária vem dando bons retornos econômicos nos últimos três anos. Esses setores oligárquicos repetiram o esquema tradicional de utilizar as diversas siglas partidárias, esvaziando-as de qualquer conteúdo ideológico.

Operários e camponeses

No extremo oposto, observa-se um indiscutível crescimento do PT. O partido multiplicou por 10 o número de seus vereadores. Acrescente-se que cerca de 40% deste total são trabalhadores rurais ou militantes vinculados às lutas do campo. Esse resultado por si só seria suficiente para resgistrarmos que pela primeira vez na história do Brasil estamos construindo um partido de operários e camponeses. Mais significativo, porém, é o desafio ao poder oligárquico que o crescimento do PT representa. A eleição de 300 a 400 trabalhadores do campo para vereadores, na legenda do PT, tem sabor de alforria. Sobretudo se considerarmos que grande parte dos eleitos são referências das lutas sindicais, das ocupações de terras ociosas, das lutas dos posseiros, por uma política agrícola voltada para os pequenos e médios produtores.

Em resumo, o 15 de novembro significou uma definição mais clara de posições à direita e à esquerda no interior do país.

*Secretário Agrário Nacional

Agora, aos grotões

José Gomes da Silva*

A aceitação do PT nas áreas onde o capitalismo brasileiro gerou um operariado moderno e uma organização sindical bem estruturada, já constituía uma realidade mesmo antes das vitórias de Diadema e de Fortaleza. Mas existe ainda uma área a conquistar. Trata-se do mundo rural, essa face triste do Brasil, onde a carteira de trabalho é ainda uma ilustre desconhecida e onde os agricultores que pagam horas extras aos seus empregados são considerados comunistas. Esses grotões, para utilizar a expressão de Tancredo, é para onde o PT deve voltar agora a sua atenção para montar o grande partido de massas que irá ensinar socialismo ao assustado homem do campo brasileiro.

É bem verdade que na sua prepotência grandiloquente, Caiado ainda acha que a UDR saiu fortalecida das recentes eleições. Utiliza para a sua avaliação, o mesmo tipo de estatística que conforma o perfil da direita no campo, uma mistura de jactância com feudalismo que afugenta eleitores e empregados. A barbárie do Bico do Papagaio, as urnas ofereceram o desenvolvimento da metrópole paulistana e suas grandes cidades industriais; o criatório primitivo dos currais, trabucos e trabalho escravo foi derrotado pela cultura de Campinas e Piracicaba; à submissão do latifúndio levantou-se a capital dos gaúchos e a simpática cidade de Vitória. Santos voltou às suas tradições de rebeldia e por esse Brasil afora pipocaram vitórias expressivas que podem ser multiplicadas nas próximas disputas eleitorais, desde que exista um mínimo de racionalidade na condução das campanhas.

O Brasil civilizado que votou com o PT tem agora o compromisso nacional de libertar também os grotões. E para isso não pode, da próxima vez, poupar os partidos que ainda desta vez conseguiram enganar a vontade popular.

*Ex-presidente do Incra

As quatro estrelas do Nordeste

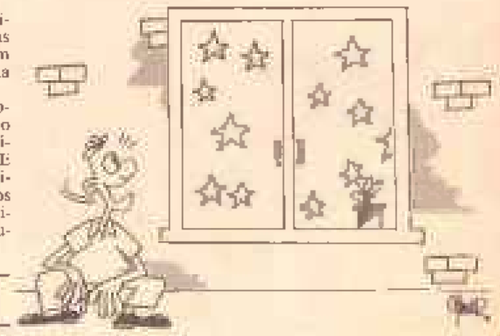
Além de manter a Prefeitura de Icapuí, no Ceará, o PT conquistou mais três no Nordeste. São as prefeituras de Amélia Rodrigues e Jaguaquara, na Bahia, e de Janduís, no Rio Grande do Norte. Em Icapuí, o prefeito eleito é o professor Francisco José Teixeira, 26 anos, conhecido na cidade como *Dedé Teixeira*. Ele era secretário de Comunicação, Turismo e Desportos da atual administração. Tem como vice o companheiro Francisco Bezerra Neto, o *Chiquinho de Aldenor*, agricultor e presidente da Associação de Moradores do Distrito de Redondo.

O PT venceu em Icapui com 2.091 votos, contra 1.670 do candidato do PMDB e 1.203 do PMB. O município fica a 170 quilômetros ao sul de Fortaleza, na divisa com o Rio Grande do Norte. Tem 18 mil habitantes e 60 quilômetros de praias. Sua base econômica é a pesca, produção de sal e de carnaúba, caju e coco. A vitória do PT deve-se, basicamente, à administração popular do atual prefeito, José Airton Cirilio, que em janeiro de 1988 deixou o PMDB para entrar no PT. O PT de Icapui elegeu quatro dos nove vereadores da Câmara Municipal.

O petista eleito em Jaguaquara, na Bahia, é o médico Osvaldo Cruz Moraes, 32 anos, filiado ao PT desde 1980. Tem como vice o agricultor Moisés Souza. O PT venceu com 6.712 votos, contra 4.805 do PDC e 2.700 do PMDB, e elegeu três vereadores. Jaguaquara possui 45 mil habitantes (40% urbanos e 60% rurais) e 904 quilômetros quadrados. Fica a 300 quilômetros a Sudoeste de Salvador. É a Capital da Verdura da Bahia, pois produz muito repolho, tomate, beterraba, cenoura e chuchu.

Em Amélia Rodrigues, a 84 quilômetros ao Norte de Salvador, o prefeito é o professor Frederico Athaíde Caldas, 41 anos, no PT desde 1986. Tem como vice o vigilante Geraldo, o *Géo da Guarda*. O PT venceu com o voto maciço dos trabalhadores da cana-de-açúcar das cinco usinas locais, base econômica do município com 143 quilômetros quadrados e uma população estimada em 20 mil habitantes. O Partido fez 1.785 votos contra 1.735 do PMDB e 1.699 do PFL e elegeu dois vereadores.

O prefeito petista de Janduís, no Rio Grande do Norte, é Antônio José Bezerra, ex-secretário da Administração. O vice é Raimundo Gurgel dos Santos. O PT fez 1.657 votos contra 1.176 da coligação PDS/PFL/PF e apenas 28 do PMDB. Janduís tem 264 quilômetros quadrados e uma população estimada em 5.402 habitantes. Fica na Região Oeste do Estado, a 350 quilômetros de Terezinha. Além do prefeito, o PT elegeu cinco vereadores.



Minas Gerais

Um salto espetacular

O PT deu um salto expressivo em Minas: conseguiu 32% dos votos na capital, venceu em sete cidades e elegeu 251 vereadores

Marcus Flora*

O PT em Minas Gerais elegeu sete prefeitos e 236 vereadores, afirmando-se como o partido com maior crescimento eleitoral no estado. A composição dos eleitos pelo PT reflete o trabalho desenvolvido há anos pelo partido com sindicalistas, professores, trabalhadores rurais e pequenos agricultores.

A postura coerente e intransigente do PT, de oposição ao governo Newton Cardoso, também beneficiou a votação do partido. Assim como em todo o país, foram nas concentrações operárias que o PT teve melhor desempenho; mas, em regiões rurais, especialmente onde há um movimento organizado, o partido também se saiu bem, ainda que na maioria dos municípios do interior mineiro a tradição clientelista e coronelista ainda tenha predominado.

Belo Horizonte

Na capital, Belo Horizonte, mesmo não tendo sido vencedor, o resultado obtido pelo PT foi excepcional. A chapa composta pelo deputado Virgílio Guimarães (candidato a prefeito), e pelo presidente regional do partido, Antônio Carlos Pereira, o Carlão (candidato a vice), obteve um total de 338.419 votos, perfazendo 32,48% do total, apenas 2,5% a menos que o candidato eleito, também deputado federal Pimenta da Veiga, do PSDB.

O PT obteve ainda a maior votação de legenda (80.286 votos) e elegeu a maior bancada de vereadores da capital, conquistando 9 cadeiras.

Belo Horizonte é uma cidade completamente loteada entre alguns grupos de interesse, como os empreiteiros e donos do transporte coletivo, o que tem ampliado a miséria e o descontentamento popular. Somado a isto, a capital viveu nos últimos anos uma intensa agitação política e sindical, especialmente nos confrontos com o atual governador Newton Cardoso. Esta situação gerou um clima de rejeição do PMDB. Por outro lado, o trabalho sistemático de organização do PT possibilitou que o nosso crescimento - já vivido nos pleitos anteriores - explodisse este ano.

Contagem

Este mesmo crescimento se verificou em outras cidades da grande BH, como Contagem, onde o candidato petista, deputado Nilmário Miranda ficou em segundo lugar, à frente do candidato do governador, Athair de Oliveira, e perdendo para o candidato do PSDB, Ademir Lucas. Tanto em Contagem quanto em BH, o PT obteve a votação mais significativa nas regiões operárias e na periferia. O PSDB foi sustentado por amplos setores da classe média e pelo empresariado, enquanto o PMDB foi rejeitado em todos os setores.

Esta será a base de sustentação do PT, que na Câmara Municipal já briga pela Presidência, propõe a implantação de uma tribuna popular - onde a população tenha espaço para se manifestar através de suas entidades representativas - e elabora projetos de interesse da maioria do povo. Este é apenas um ensaio do que o partido pretende fazer quando se iniciarem os trabalhos de elaboração da Lei Orgânica do Município.

*Sec. de Imprensa do DR/MG

Outros municípios onde o PT elegeu o prefeito

Município	Prefeito	População	Profissão
Dionísio	Marden Americano	15.000	motorista
Ilicínea	José Nicodemos	10.000	trabalhador rural
Santana da Vargem	Manuel Vieira dos Santos	8.000	médico
Santana do Manhuaçu	Carlos Roberto de Assis	12.000	pequeno agricultor

Geraldo Nascimento, prefeito de Timóteo

O ABC das Gerais

O Vale do Aço é o ABC de Minas. Aí se concentram a maior parte dos operários do estado, parte significativa da arrecadação de ICM e as principais siderúrgicas.

O Vale do Aço vive em função das usinas: Usiminas (Ipatinga), Acesita (Timóteo) e Belgo-Mineira (João Monlevade). Delas vêm o emprego, a infra estrutura, os impostos, e também a poluição, os baixos salários e uma cada vez maior organização sindical.

O Vale do Aço é uma unidade siderúrgica, econômica, política, sindical e de classe. Aquilo que antes era exclusividade das classes dominantes, o aproveitamento em interesse próprio, desta unidade, foi a partir desta eleição arrancado pela classe operária. O ensaio já havia sido feito antes, nas disputas sindicais e campanhas salariais.

Ipatinga é a maior cidade do Vale do Aço, com cerca de 180 mil habitantes, 15 mil metalúrgicos, sede da Usiminas e da Usimec, terceira cidade em arrecadação de ICM no estado. É a cidade onde Chico Ferramenta foi eleito, juntamente com o diretor do Sindicato dos Bancários, João Magno, com uma votação de 40.438 (50%) eleitores.

Timóteo é sede da Acesita, única siderúrgica da América Latina a produzir aços especiais planos. Sétima arrecadação em ICM, uma população em torno de 60.000 habitantes, um eleitorado de 32.204 e deu 8.200 votos ao PT (27%). O advogado do sindicato dos metalúrgicos, Geraldo Nascimento, é o prefeito eleito pelo PT, tendo como vice, o funcionário público Perácio Bicalho.

João Monlevade é a 8.ª arrecadação de ICM de Minas, devido à Belgo-Mineira. Tem 70.000 habitantes, 33.758 eleitores e o PT teve uma votação de 14.338 (45%). O prefeito eleito é o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, Leonardo Diniz. O vice é Antônio de Paula, professor.

As tarefas que os prefeitos eleitos pelo PT no Vale do Aço têm pela frente não são pequenas. Mas, todos eles têm confiança que os enfrentamentos realizados durante anos com as usinas auxiliará muito na administração petista, que ao contrário dos outros prefeitos, não se curvará frente ao poder destas empresas. Os prefeitos do PT já estão articulando formas de cooperação entre as prefeituras, enquanto discutem ações comuns, como a implantação dos Conselhos Populares, lutas pela preservação ambiental, na região, a defesa das próprias usinas (Usiminas e Acesita) ameaçadas de privatização e outras lutas. **(MF)**

Quando há muito o que fazer, há muito o que ler

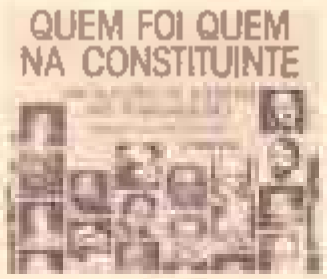
CORTEZ EDITORA

Nossas sugestões para janeiro:

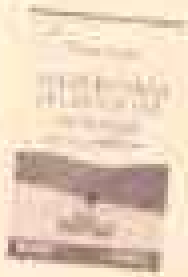
Vida Urbana e Gestão da Pobreza - A autora, Secretária das Administrações Regionais de São Paulo da nova administração petista, discute o tratamento dispensado pela sociedade aos pobres que ela mesmo gera, através da ação do Estado

Pedagogia: Diálogo e Conflito - Para aonde precisa caminhar a educação na luta pelo Socialismo? As respostas obtidas na organização crescente dos educadores, no confronto político e pedagógico, e no grito do povo manifestado no movimento de massa

A Educação como Ato Político Partidário - Contando com a apresentação de Olívio Dutra, prefeito eleito de Porto Alegre (RS), revela as propostas do PT na área de Educação.



Quem foi Quem na Constituinte - Nas questões de interesse dos trabalhadores. Fundamental para avaliar a atuação de deputados e senadores na Constituinte, de olho em 90.



A Importância do Ato de Ler - A alfabetização de adultos e a relação com a biblioteca popular.

Educação Municipal é fruto de um trabalho coletivo, na forma de revista quadrimestral, e se propõe a contribuir para a construção de uma escola pública, popular, democrática e competente, visando a formação de cidadãos críticos e participativos

Auxiliar valiosa nos novos tempos.

Faça a sua assinatura e peça os exemplares atrasados. Basta mandar cheque no valor equivalente a 1,60 OTN (assinatura) e 0,50 OTN por exemplar (n.ºs 1, 2 e 3), para a Editora, juntamente com o cupom abaixo:

INSTRUÇÕES PARA O PEDIDO

Escolha os livros de sua preferência e a forma de pagamento que mais lhe convier (reembolso postal, com as despesas por conta do cliente, ou cheque nominal à Cortez Editora - nesse caso as despesas de remessa são por conta da Editora), preencha o cupom abaixo e envie o pedido para: CORTEZ EDITORA, rua Bartira, 387, São Paulo - SP CEP 05009 (Tel. (011) 864 0111).

PEDIDO DE LIVROS (Preços até o dia 31/01/1989)

Desejo receber o(s) seguinte(s) livro(s):

( ) Quem foi Quem na Constituinte - Cz$ 13.400
( ) A Educação como Ato Político Partidário - Cz$ 7.000
( ) Vida Urbana e Gestão da Pobreza - Cz$ 8.900
( ) Pedagogia: Diálogo e Conflito - Cz$ 3.300
( ) A Importância do Ato de Ler - Cz$ 1.200

Nome: Telefone:
Endereço: CEP:
Cidade: Estado:
Optei por ( ) reembolso ( ) cheque (nesse caso,
Banco:
n.º no valor de Cz$

Estou enviando o cheque n.º Banco no valor total de Cz$, nominal à Cortez Editora.

Nome: Telefone

Endereço. CEP:

Cidade: Estado:

Balanço

O partido em movimento

As dificuldades de uma campanha nacional unificada e a história da Comissão Nacional de Eleições Municipais (CNEM)

Paulo Delgado*

O entendimento do resultado das eleições não está inteiramente contido em seu modo de aparecer. A tendência geral é analisar a eleição a partir das suas consequências, o voto em urna. Todo o resto anterior perde significado: a história da campanha não conta; as resoluções nacionais que orientaram a ação dos candidatos são esquecidas; o patrimônio de luta, coerência e determinação ideológica do partido são pouco lembrados; a militância não é de todo responsabilizada.

A conjuntura e a explicação definitiva: voto de protesto, o fuzil do militar irresponsável, a inflação e outras mazelas de um governo sem credibilidade. A miséria da razão e do trabalho sistemático vão construindo, quase que sem se notar, o elogio do eleitoralismo e do voluntarialismo - a morte da esquerda, para dizer o mínimo.

Um mau governo ajuda os adversários na vitória mas espontaneamente não se vence eleição. A campanha necessita de órgãos partidários que a avaliem constantemente para aferirem a possibilidade objetiva de levar o partido para soluções mais avançadas e coerentes com as potencialidades contidas naquele momento.

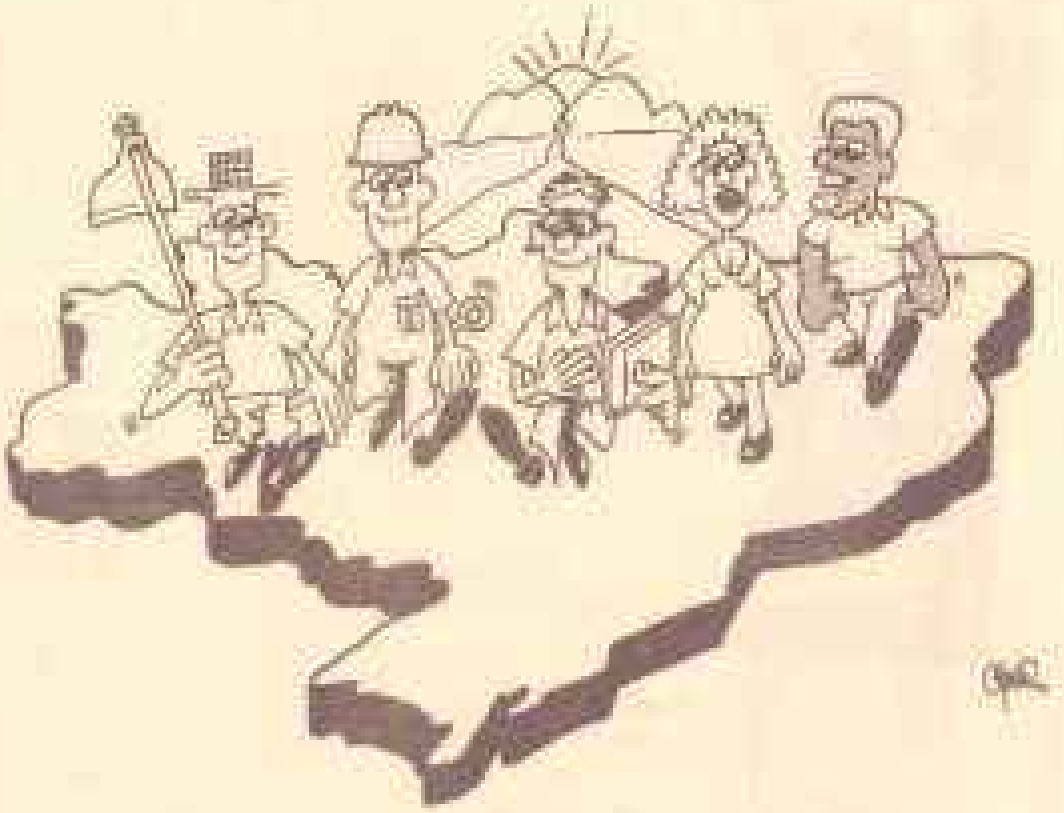
Nesta campanha, o desempenho do PT esteve associado à correção das decisões tomadas em dezembro de 1987 por ocasião do 5.º Encontro Nacional do partido. A partir dessas resoluções foi adequada a estrutura orgânica para dar sustentação política à intervenção partidária na campanha. Tiveram atuação política fundamental neste aspecto além do Diretório e da Comissão Nacional Executiva Nacional os seguintes órgãos partidários: a Comissão de Eleições Municipais (CNEM); a Secretaria Nacional de Organização (SORG); as Direções estaduais e seus Comitês unificados; os Diretórios Municipais e os comitês de campanha.

Fase inicial

Fevereiro de 1988, em Brasília, foi realizada a primeira reunião nacional com a presença de Presidentes e Secretários Gerais das direções regionais para produzir o diagnóstico das condições partidárias para a disputa. Em março, nos estados, vão sendo montados os Comitês unificados: as listas dos pré-candidatos elaboradas; as discussões sobre coligações e alianças revelando enormes dificuldades políticas para a aplicação da tática definida no 5.º encontro. A eleição prevista não está confirmada, não há lei que regulamente e nem, ao menos, se sabe direito quais cargos estarão em disputa.

É diária a pressão sobre o Tribunal Superior Eleitoral pelo partido com consultas de toda ordem. A CNEM-SORG e Bancada Federal elaboraram um projeto de lei convocando e regulamentando as eleições e forçam sua discussão no Congresso. O Diretório Nacional toma a decisão de acelerar o lançamento dos candidatos e de pôr a campanha nas ruas. O partido vai se pondo em movimento, inibindo a ação dos que querem prorrogar mandatos.

Alguns problemas vão aparecendo com destaque nesta fase inicial. O primeiro está relacionado com coligações e alianças e obriga a CNEM a produzir documento específico sobre o assunto. A origem do problema é a luta sindical acirrada entre nós e os membros dos partidos com os quais está liberada a coligação. Some-se a isto o fato de que estes partidos não possuem orientação nacional que permita identificar algum tipo de critério para orientar suas alianças. A base petista evita parceiros políticos tão disponíveis na praça eleitoral. Outro problema é produto direto da massificação e da viabilidade eleitoral do partido em confronto com a cultura política tradicional.



Um terceiro tipo de problema, grave, foi identificado nas disputas dos encontros. Não havia, sempre, correspondência entre a votação para majoritário e proporcional, considerando-se as chapas formadas. Havia "tática dentro da tática" por parte de grupos e tendências. Isto se refletiu na campanha superdimensionada de alguns vereadores e na insignificante estrutura de campanha de muitos prefeitos.

Em junho, nova reunião nacional. Os problemas vão sendo identificados e superados, intervenções em diretórios municipais são comunicadas ou decididas. Falta dinheiro em todo lugar mas todos são unânimes em repetir o refrão: "o problema das finanças é um problema político".

Propaganda eleitoral

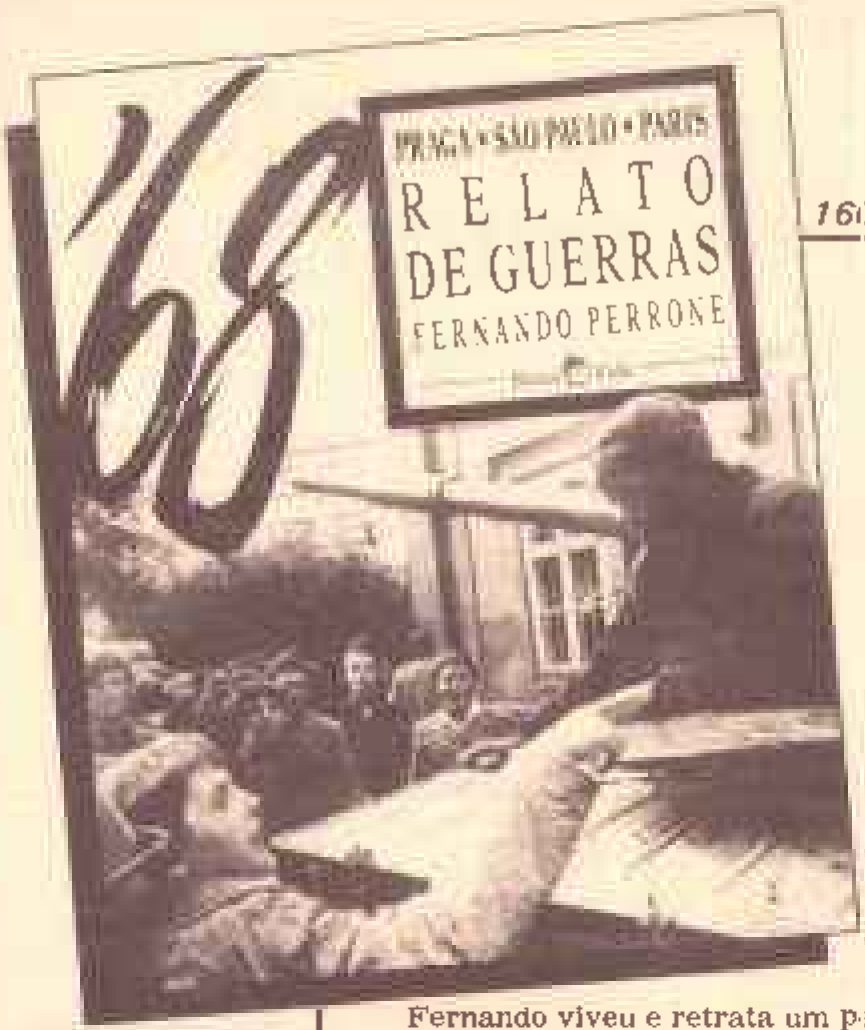
Em julho, no Cajamar, é realizado o Seminário Nacional sobre propaganda. Dos companheiros de Jundiaí (SP) vem a premonição em forma de slogan: "o povo tá PT da vida". Em São Paulo, 4 de agosto, é lançada nacionalmente a campanha. Luiza Erundina, prefeita, fala em nome de todos os prefeitos. Na ocasião, em nome da Executiva Nacionalismo a CNEM adverte: o voto será plebiscitário, o oposicionismo generalizado confunde o eleitorado que reage com a apatia, e neste quadro e a história do PT que nos diferencia da geléia geral brasileira.

A campanha transcorreu na expectativa do horário gratuito. Descuidou-se da militância, da rua, do enfrentamento cara-a-cara. Os momentos finais da Constituinte monopolizavam a atenção e o município, isolado, conseguia evitar a contaminação negativa da política do governo junto ao eleitorado. No início da propaganda gratuita, o que se viu foi a desvinculação da propaganda do que ocorria nas ruas. A glamourização de alguns programas comprometia seu conteúdo. A militância queria participar mas não sabia como. Ao mesmo tempo os constituintes, dirigentes sindicais, personalidades começam a participar mais ativamente da campanha emviagens por todo o país. A Executiva Nacional aponta para equívocos presentes nos programas de TV e para o exagero que é resumir a campanha a eles.

Caindo na real

O partido cai na real e, para diferenciar-se, relembra sua história, enfrenta a desilusão do povo. Fala do que fará, mostra seu programa de governo e começa a sensibilizar o povo para aquele resíduo de esperança, honradez e credibilidade que ainda vê na política do país. De uma maneira geral, onde há maior organização, experiência e constância de luta, consciência e determinação para a mudança, dali veio a vitória. Continuar esta luta para mudar a realidade que deu origem a esta vitória é mais um passo que exigirá do PT identificar os elementos estratégicos contidos no voto do eleitorado. É para a esquerda que o eleitorado está andando e o PT é hoje o principal companheiro desta viagem para uma vida melhor.

*Coordenador da CNEM



160 páginas, 35 fotos

Busca Vida

RELATO DE GUERRAS

Fernando Perrone

Fernando viveu e retrata um período singular da vida brasileira e mundial. O avanço, na América Latina, das teorias que privilegiavam a ação violenta tomava corpo no Brasil como reação à ditadura militar que imperava. O seu efeito sobre o Partido Comunista Brasileiro foi devastador. Deste nasceu uma grande parte dos grupos que tentavam, ingenuamente, a derrubada da ditadura pela força. Na verdade era a continuidade da tradição golpista da esquerda brasileira, a subestimação da capacidade das classes dominantes e a superestimação da consciência e da vontade populares. Algumas centenas ou milhares de homens e milhares de patriotas derramaram o seu sangue, destruiram suas vidas, no desejo de trazer o país de volta à vida democrática.

Fernando nos relata alguns episódios que marcaram a época e as suas difíceis experiências pessoais, principalmente a difícil combinação da vida clandestina e da ação pública parlamentar. De uma forma fluente e gostosa marca a sua personalidade avessa aos dogmas, à ortodoxia e à rigidez dos princípios partidários na vida cotidiana.

Após a sua volta do exílio, Fernando Perrone se integrou novamente à luta em seu país, já então em um quadro de relativa liberdade. Fica nos devendo agora um relato de sua experiência no exílio, dos efeitos sobre si da vivência nos países da Europa e, principalmente, das suas reflexões sobre a relação entre o período descrito e o período final da ditadura no Brasil, no qual também participou ativamente.

NOSSOS DISTRIBUIDORES

SP — Brasilivros Editora e Distribuidora Ltda — Rua Cons. Ramalho, 704 – apto. 10 — CP 378 — São Paulo — Tel. (011) [illegible] 8155
MA — PI — C.M.A.F. Distribuidora Maranhão Ltda. — Av. Presidente Médici, 77 — 65030 — São Luís – MA – Tel. (098) [illegible] 541 0616
SC — Editora e Livraria Lunardelli Ltda. — Rua Victor Meirelles, 28 — 88000 — Florianópolis – SC – Tel. (0482) 22-4637
PR — Livraria do Chaim Editora — [illegible] General Carneiro [illegible] 1 — 80000 — Curitiba — PR — Tel. (041) 264 1682
RJ — Livraria Distribuidora Cultura [illegible] — Rua Visconde de Santa Isabel, 46 fundos — 20560 — [illegible] de Janeiro — RJ — Tel. (021) [illegible]
DF — [illegible] do Nascimento — SCS Quadra [illegible] Bloco A [illegible] Ed. Anhanguera — Sala 415 — 70315 — Brasília — DF — Tel. (061) [illegible]
RS — Livraria Palmeira Ltda. — Rua Gal. Vitorino, 1127 — 1º andar [illegible] — 90000 — Porto Alegre — RS — Tel. (0512) 24 1974
AM — Maria Cubeiro Livros e Serv. Técnicos Ltda. — Rua 10 de Junho, 613 – 69000 – Manaus — AM — Tel. (092) 234-3030
AC — M. M. Pom Representações e Comércio Ltda. — Rua Holanda Pessoa, 407 — 69901 — Rio Branco — AC — Tel. [illegible] 224 4240
BA — Editora Rep. Distr. [illegible] Livros Jornais e Rev. Próais Ltda. — Rua [illegible], 181 – Terreiro – 40000 — Salvador — BA
PA — R. A. [illegible] & Cia. Ltda. — Rua dos Tamoios, 1597 — 66010 — Belém – PA — Tel. (091) 222 7286
[illegible] Neo Livros Distribuidora Ltda. — Rua Tupinambá, 1045 — [illegible] andar, 601 – 30120 — Belo Horizonte — MG — Tel. (031) 201 8440
PE – AL – PB – RN — Sertaline Opções de Negócios Ltda. — Rua Santa Cruz, 200 — 50060 — Recife — PE — Tel. (081) 221 0030
ES — Representações Poubel Vieira Lagos — Rua Nestor Gomes, 255 — Centro — 29000 — Vitória — ES — Tel. (027) 222 [illegible]
GO — MG — RH Com. e Repres. Distr. Ltda. — Rua Cuiabá, 415 — Belo Horizonte — MG — Tel. (031) 334 1566 — [illegible] (041) Livros Ltda. — Rua Circe, 404 — [illegible] — Goiânia — GO — Tel. (062) 225-0497

Pedidos para EDITORA BUSCA VIDA — Caixa Postal 64 591 — CEP 05497 — Tel. [illegible] — São Paulo — SP

Entrevista com Erundina

Poder popular no município

A prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, diz que o grande diferencial das administrações petistas será a gestão democrática.

"O que vai definir e diferenciar nossa administração de qualquer outra é a gestão democrática, isto é, a efetiva participação popular nas decisões de governo, na sua conduta política global, na deliberação sobre as prioridades e, sobretudo, na socialização de sua execução". A afirmação é da prefeita eleita de São Paulo, Luiza Erundina, que concedeu entrevista ao [illegible] e ao *Jornal do PT* (órgão do Diretório Regional de São Paulo) no dia 9 de dezembro passado.

Segundo Erundina, os instrumentos mais eficazes de colocar isso em prática serão os *conselhos populares*. Tais instâncias resultarão "de iniciativas da própria população, de forma autônoma e independente", diz a prefeita. O partido, acrescenta, exercerá o papel de estimulador da construção destes conselhos.

Também é a população que vai definir como compor estes conselhos, que, a partir das experiências já realizadas (Luiza lembra os conselhos populares de saúde da zona leste paulistana), poderão se espraiar tanto geograficamente quanto por setor de trabalho.

Poder de deliberação

Luiza considera que na sua gestão a prefeitura terá três instâncias de poder: o Legislativo, o Executivo e o Poder Popular. "A convivência entre esses poderes vai definir a correlação de forças da política municipal", diz. A prefeita prefere não estabelecer exatamente quais serão os limites do Poder Popular: "exatamente pelo fato de defendermos conselhos autônomos e independentes é que achamos não ser possível decidir sobre os limites de competência desse poder".

Em caso de conflito entre os poderes, como resolvê-los? "Se os conselhos - responde Erundina - estabelecerem uma demanda que, por exemplo, a Câmara de Vereadores contrariar, haverá de fato um conflito. A solução disso dependerá da capacidade de pressão dos conselhos. Acontecerá o mesmo em relação ao Executivo: eu não pretendo ter uma relação paternalista com estes conselhos. Portanto, entre ambos também poderá haver conflitos, que deverão ser encaminhados democraticamente."

Empresários

Luiza Erundina reafirmou a disposição de seu governo em dialogar com o setor empresarial que atua na capital paulista, sem, naturalmente, "abrir mão do programa que defendemos durante a campanha eleitoral". Consta desse programa pontos como a estatização gradual dos transportes coletivos. Para iniciar esse diálogo, a prefeita realizou um encontro com a diretoria da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), que qualificou como "altamente produtivo", dada a "franqueza com que expusemos nossos pontos de vista".

Quanto ao tratamento a ser dado aos empreiteiros - outra área de atritos potenciais com os empresários - Erundina declarou que a prefeitura assumirá todas as obras que ela mesma puder realizar: "é claro que a prefeitura não poderá fazer tudo; nós levaremos em conta aquilo que for menos oneroso para os cofres públicos."

Outras prefeituras

Finalmente, Luiza reafirmou a disposição de estabelecer um vínculo estreito com as outras administrações petistas, principalmente aquelas que compõem a Grande São Paulo. (Segundo o jornal paulista *Gazeta Mercantil*, a ascensão do PT em São Paulo, Porto Alegre, Vitória, Campinas, Santos, Santo André e São Bernardo do Campo, deixa-o com poder sobre orçamentos públicos que, somados ascendem a 7 bilhões de dólares no próximo ano, pouco menos que o orçamento da União para 1989, estimado em 8,8 bilhões de dólares).

O desafio dos vereadores

Perfil do parlamentar petista: combatividade no movimento social, empenho na construção partidária, competência na Câmara

Ricardo Azevedo*

O vereador é antes de tudo uma liderança política local. Como tal, ele é uma referência importante para os habitantes do município: para aqueles que querem favores, para os movimentos sociais, para os outros partidos, para a imprensa.

Para o PT, trata-se antes de tudo de negar a prática tradicional do vereador: o clientelismo, a negociação de favores. Reconhecendo o papel de destaque que tem o vereador, toda a nossa concepção de trabalho se baseia na idéia do tripé que se articula nas seguintes frentes: no movimento social, na construção partidária e na Câmara.

Junto ao movimento social, o vereador cumpre um importante papel: fazendo-se presente nas lutas, estimulando a organização do movimento, servindo de canal de negociação junto ao prefeito, repercutindo na Câmara aquilo que acontece na cidade, o verador contribui em muito para o avanço da luta.

No campo da construção partidária, o verador é visto, em geral, como uma referência petista para os trabalhadores. Sua atuação é vista como uma espécie de porta-voz do partido. Sua presença constante nos bairros e nas lutas populares estimula a filiação e a criação de núcleos. Na Câmara e junto à imprensa, ele deve sempre expressar as posições do PT sobre tudo aquilo que se passa, seja a nível local, estadual ou nacional. Seu trabalho muitas vezes pode até mesmo estimular a criação do partido em municípios próximos.

Insubstituível

Mas não basta ao vereador petista ser combativo e estar presente no movimento social e na construção partidária. Ele foi eleito para cumprir um mandato específico na Câmara Municipal, e nessa função ele é insubstituível. Sabemos que as Câmaras são estruturas de poder bastante limitadas, mas por elas passam uma série de questões extremamente importantes para a vida da cidade. O orçamento municipal, os reajustes salariais do funcionalismo, o plano diretor do município são questões, entre outras, que nelas são discutidas e votadas. Diante de cada questão importante para a vida do município, nossos parlamentares devem ter uma posição clara, expressando o ponto de vista dos trabalhadores e o programa partidário.

A atuação na Câmara ganha maior relevo ainda nesse momento, à medida que os vereadores recém-eleitos serão constituintes municipais. Até agora, a vida interna do município era regulada - exceto no Rio Grande do Sul - por uma lei orgânica dos municípios que era aprovada pela Assembléia Legislativa de cada estado e, portanto, igual para todos os municípios daquele estado. A partir da nova Constituição, ficou estabelecido que cada município terá sua própria lei orgânica, definida pela Câmara local.

Esse avanço democrático possibilitará, de acordo com nossa capacidade de iniciativa e mobilização, introduzir nessa lei avanços importantes do ponto de vista dos direitos sociais e da participação popular.

Finalmente, para nossos vereadores poderem ter uma atuação destacada e eficiente, é fundamental que eles estejam profundamente articulados com o diretório municipal. A este último cabe entender a importância do papel do vereador e assumir também nessa frente seu papel de direção e assessoria à bancada.

* Secretário de Form. Política da DRS-[illegible]

Tudo a ver com São Paulo

Todo domingo em sua casa

Gazeta
DE PINHEIROS

Faça já sua assinatura
É só discar 815.4999

Perspectivas

Opções cada

Nas últimas décadas, os trabalhadores vêm se desvenci do atrelamento à burguesia. O eleitorado se

Perseu Abramo *

O panorama político brasileiro sofreu uma extensa e significativa mudança com as eleições de 15 de novembro último. O caráter mais expressivo dessa mudança é que ela constitui, em si, uma modificação substancial no sistema político-partidário e, ao mesmo tempo, um inegável patamar para novas alterações, que se afiguram quase como irreversíveis.

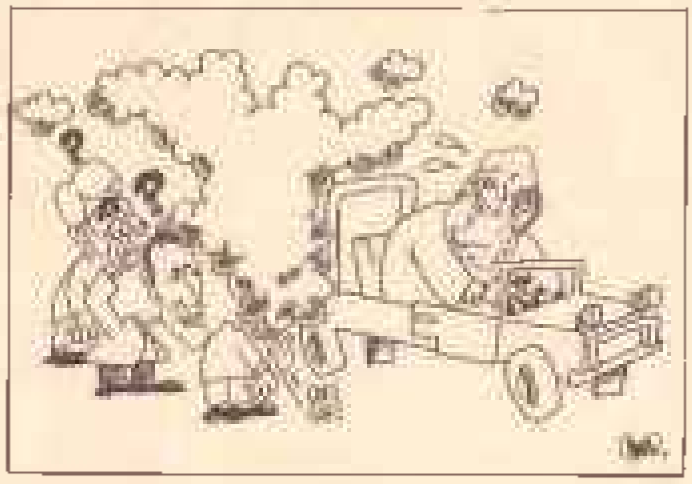
As incontáveis análises até agora divulgadas sobre o resultado eleitoral ainda não conseguiram exaurir toda a riqueza de significados políticos, sociais, econômicos, culturais e psicológicos encerrados nessa magnífica e exemplar lição de ação de massas. Mas todas apontam para as três áreas incógnitas: a) o que aconteceu com o povo entre novembro de 1986 e novembro de 1988? b) que nova correlação de forças, até então escondida ou ignorada, acabou se revelando com o resultado da eleição? c) o que esse resultado significa, concretamente, para o desenvolvimento da luta de classes no Brasil, daqui para a frente?

Múltiplos fatores

Se acompanharmos a movimentação das massas, principalmente urbanas, nas últimas décadas, tudo leva a crer que elas parecem agir como que atravessando ciclos de esperança e de frustração.

Já no ciclo mais recente dessa transição gradativa, à campanha das diretas, sucede a frustração da derrota e da "Nova República", o pêndulo volta novamente para o lado da esperança com o início do Plano Cruzado e com o que era impingido, na época, como a redenção econômica das camadas populares. Mas, assim como existe a inflação inercial, também existe o prestígio inercial, do qual foi largamente beneficiário o PMDB, que toma o poder no país inteiro com as eleições de 15 de novembro de 1986. Exatamente uma semana depois, em 21 de novembro, as principais explosões populares no Rio e em Brasília mostram que, mais uma vez, as massas acordavam do sonho da esperança para cair abruptamente no pesadelo da frustração.

Por quê? É insuficiente



querer explicar o fenômeno apenas pelo fracasso do Plano Cruzado I, consubstanciado pelo Cruzado II. É claro que o novo pacote, piorando as condições materiais de vida da população trabalhadora, teve seu peso. Todavia, de 1964 a 1984, portanto durante vinte anos, o povo brasileiro foi superexplorado e ignominiosamente vilipendiado. E, no entanto, não se levantou para derrubar a ditadura como teoricamente seria lícito supor.

Para a oposição popular sofrida pelo PMDB contribuem outros fatores, em outros planos e outras esferas da realidade coletiva, que é forçoso identificar e caracterizar.

Apenas para governo

O PMDB de 1986, como já fizera em 1974, 1978 e 1982, não foi capaz de aproveitar a imensa e poderosíssima arma que lhe fora depositada nas mãos e representada por milhões de votos. Estranhamente, o PMDB é um partido que parece vocacionado apenas para o governo, e não para o poder. Em 1974, 1978 e 1982, ao colher o resultado das urnas, o PMDB não soube e não quis canalizar essa força popular para derrubar a ditadura. Em 1986, com a ditadura militar formalmente desativada, o PMDB também não quis e não soube construir um caminho democrático. Se, ao errar antes, tinha a desculpa de estar errando sob a ditadura, agora, ao errar novamente, já não tinha nenhuma desculpa. Creio que é esse fato, mais que qual quer outro, que faz o PMDB esboroar-se rapidamente, em menos de 50 meses, ele, um partido que existia já há vinte e dois anos.

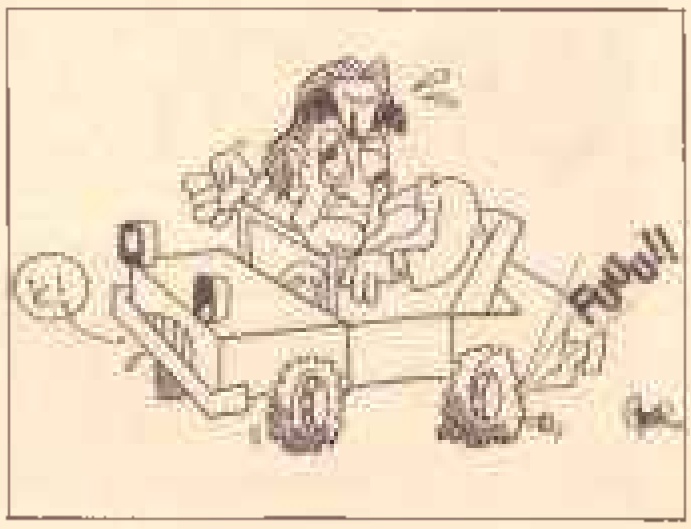
Na verdade, não houve um fracasso do sistema partidário, mas especificamente o fracasso do PMDB, isto é, de suas propostas e de sua prática política. Em outras palavras: a idéia de um partido-ônibus, capaz de contemplar a representação de todas as classes sociais e de abrigar todas ou praticamente todas as tendências ideológicas, não deu certo como fator de construção de um processo democrático. Por isso, o PMDB foi abandonado pelos seus eleitores, que se deslocaram para outros partidos, com maior nitidez programática, à esquerda e à direita. As massas parecem ter percebido que a construção de um caminho democrático e popular se faz através de embates de partidos que representem classes e programas diferentes, e não a fusão amorfa das diferenças sociais e doutrinárias dentro de um mesmo e único partido, que, por almejar representar o todo, acaba por representar parte alguma.

Mas também apenas o fracasso do PMDB não esclarece a mudança ocorrida entre 1986 e 1988. Há alguns meses antes do 15 de novembro de 1988, as características mais apontadas pelos comentaristas eram a chamada apatia popular, o ceticismo, a rejeição aos políticos, o desânimo etc.

E, no entanto, os resultados eleitorais de novembro mostram um alto grau de participação consciente do eleitorado. Além da inegável vitória de candidatos e partidos populares, democráticos, progressistas, socialistas, houve, no lado oposto, também vitória e crescimento de candidaturas de direita explícita, como os da UDR e PTB - este último, mera legenda de aluguel em 1979, dez anos depois se transforma num importante sustentáculo da centro-direita, ao lado dos partidos conservadores tradicionais, como o PDS e o PFL. Mesmo os chamados votos de protesto - os votos nulos e em branco, e parte dos votos canalizados para candidaturas do PT, PDT etc. - constituíram, desta vez, um protesto sofisticado e politizado.

Estavam erradas as análises que falavam em apatia e desânimo? Provavelmente, não. Havia, sim, apatia e desânimo até quase às vésperas das eleições. E, de repente, essa frustração se transformou em esperança e participação consciente em opções eleitorais claramente programáticas e partidárias. Que aconteceu? Resultado da propaganda eleitoral, inclusive por rádio e TV? Resultado da premonição de que estas eleições municipais constituem o ensaio geral das eleições presidenciais do próximo ano? Resultado do avanço silencioso e progressivo daquilo que se chama de organização e consciência de classe?

Sim, certamente o resultado eleitoral final exprime todos um pouco desses fatores, mas, ainda assim, parece estar faltando a identificação de algum elemento novo e inédito, que não se situa claramente nem na esfera econômica, nem na social e política, mas paira nos planos superestruturais da psicologia social, da cultura, de um ethos popular



vez mais claras

lhando gradativamente do populismo, do paternalismo, politiza e se polariza, e vota na mudança

ainda indefinido e difuso, que se faz necessário descobrir e conhecer.

As forças atuais

Numa segunda ordem de considerações, é óbvio que, durante esses últimos anos, vinha e vem se gestando um novo conjunto de forças sociais e políticas, que engendram uma nova trama de relações entre a sociedade civil e a sociedade política, uma nova correlação, ainda consideravelmente indefinida para não ter sido claramente percebida antes, mas já suficientemente presente para mudar, pelo voto, o cenário político do país.

A classe trabalhadora brasileira vem superando pouco a pouco algumas das características que entravaram seu desenvolvimento durante décadas: o populismo, o paternalismo, o atrelamento a forças do Estado e da burguesia. Desde o final da década de 70, os trabalhadores conseguiram avançar concretamente nesse campo, criando o PT e a CUT, seus dois principais instrumentos de luta. Também criaram, recriaram ou fortaleceram outros partidos e outras centrais que, embora com posições diferenciadas em relação ao PT e à CUT, podem, em momentos conjunturais, assumir posições ao lado dos trabalhadores. A Igreja, com seus setores progressistas, os movimentos populares urbanos e os movimentos no campo completam esse quadro.

Ao mesmo tempo, os empresários também sofisticaram e fortaleceram suas associações, seus meios de pesquisa e de comunicação, seus fóruns de debates e discussões etc. A burguesia continua usando os métodos adicionais da violência armada, corrupção e suborno. Mas a novidade é que, ao lado disso, vem desenvolvendo formas mais modernas de atuação política, parlamentar e extraparlamentar.

Isso tudo quer dizer que a sociedade se polarizou. Resultado inevitável de uma configuração de classes cada vez mais nítida, o quadro político-partidário também se clarificou, obrigando partidos e sindicatos a assumirem com maior precisão a defesa dos interesses de seus representados. As forças sindicais e associativas e, principalmente, os partidos políticos, cada vez mais são obrigados a representar com nitidez e fidelidade uma dessas classes e, em nome dela, apresentar um programa para o conjunto da sociedade. Social e politicamente, o Brasil começa a atingir à sua maturidade.

* 2.º Secretário da CEN

A balança pende para a esquerda

O empate técnico - ou, se preferirem, o equilíbrio instável - que vinha caracterizando as relações entre proletariado e burguesia até há pouco tempo atrás, está inegavelmente sofrendo um desequilíbrio a favor da classe trabalhadora e da esquerda, entendida essa como um conjunto heterogêneo de protagonistas, propostas e idéias que apontam para o socialismo.

A partir de agora, é indubitável que, além das chamadas condições objetivas, começam a despontar muitas das também chamadas condições subjetivas para o socialismo, isto é, um alguém coletivo com vontade e capacidade de realiza-lo.

É difícil dizer até que ponto essa força nova, social e política, vai aproximar-se do poder central do país já no próximo ano. Mas uma coisa já é certa: o PT, a CUT, e as forças que conseguirem aglutinar nesses próximos doze meses vão ter, de qualquer maneira, papel preponderante na definição do próximo governo.

As forças de extrema-direita, direita e centro-direita - espectro ideológico que cobre praticamente toda a classe dominante brasileira - dificilmente serão centralizadas por um único candidato à Presidência, apesar dos reiterados e desesperados apelos de Sarney, Ulysses e outros representantes da burguesia.

O que sobrou das forças de centro também não terá força política e eleitoral para apresentar um candidato capaz de enfrentar posições mais polarizadas e definidas.

Resta a esquerda, que, neste momento, ainda pode ser vista como subdividida em dois grandes blocos: o bloco reformista e social democrata e o bloco de esquerda socialista propriamente dita. Parece não restar dúvida que este último tem em Lula seu único representante. O problema, portanto, reside em saber se o bloco reformista e social-democrata vai centralizar-se à esquerda, com o PT, a CUT e Lula, ou vai querer correr em faixa própria, disputando a Presidência com programa e candidaturas próprias. Se for este o caso, há alguns candidatos a candidatos que provavelmente vão querer disputar o privilégio de ser o candidato único dessa posição: Brizola, Covas e, conforme a situação e as maquiagens, até Ulysses. Acontece que os últimos resultados das urnas mostraram claramente o que pode acontecer com partidos e posições que querem por um pé na direita e outro na esquerda. (PA)

Lula - 89

Para tirar o país da crise

Capitalizando o clima de esperança pós-eleitoral, a candidatura presidencial do PT deve agora adquirir caráter de massa

Wladimir Pomar*

Os resultados das eleições municipais de 1988 expressaram não só a capacidade do PT de captar a insatisfação popular e de dirigi-la para um programa radical de transformações na sociedade, como também o surgimento de uma nova relação de forças que coloca nosso Partido como principal partido de oposição no Brasil.

Essa nova situação ocorre dentro de um quadro de agravamento da inflação com possibilidades de transformar-se em hiperinflação. Ao lado disso, agrava-se a crise institucional e acelera-se a discussão em torno das alternativas ao governo Sarney, que é o pivô das crises por que passa o país, deslocando a sucessão presidencial para o centro do debate político.

Evidentemente, num quadro como esse, os diversos setores da burguesia buscam diferentes saídas, em especial de formas para enfrentar o crescimento do PT e da candidatura Lula. Além de se voltarem mais e mais para uma acirrada luta ideológica contra o PT, falam de possível reforma constitucional com a introdução do parlamentarismo e de soluções extra-legais sob o pretexto de "graves perturbações da ordem". Tais saídas dependem tanto da unificação dos diferentes setores da burguesia quanto da desmobilização do movimento social, abrindo espaço para o avanço de medidas antidemocráticas e repressoras. Em sentido inverso, a mobilização social em torno da candidatura Lula, contra a política do governo e pela aplicação de medidas econômicas de emergência em benefício da população, podem forçar a antecipação das eleições presidenciais.

Clima de esperança

Entretanto, aquilo que mais evidencia a nova relação de forças pós-eleitoral e deve marcar mais e mais a conjuntura, é o clima de esperança e de crédito que cerca o PT e sua política coerente e séria, revertendo a situação de apatia, descrédito e desesperança que antes caracterizavam o estado de espírito das massas. Hoje há uma tendência acentuada da população em depositar sua confiança no PT, o que o torna, atualmente, o Partido de maior preferência popular no Brasil.

É nesse contexto que a candidatura do PT firma-se como uma candidatura com chances crescentes de vitória em 1989, embora as classes dominantes procurem articular as forças de centro e de direita numa frente anti-Lula. Elas trabalham a hipótese de ocorrer, pela primeira vez na história brasileira, uma polarização entre esquerda e direita, obrigando o PT a firmar-se como pólo à esquerda. Isso nos coloca frente à necessidade de descartar qualquer idéia de "já ganhou" e adotar uma estratégia de combate encarniçado em todos os aspectos da luta ideológica e política que marcarão a campanha presidencial.

Vincular à legenda

Em primeiro lugar, é fundamental vincular a candidatura Lula à marca do PT, à sua imagem de partido socialista, democrático, de massas, sério, coerente, transformador. A candidatura Lula tem um nítido perfil socialista e esse perfil deve ser reafirmado, indissoluvelmente ligado a seu aspecto democrático.

Não está descartada a hipótese de ocorrer, pela primeira vez na história brasileira, uma polarização entre a esquerda e a direita nas eleições presidenciais

Em segundo lugar, a candidatura Lula está ancorada num Plano Alternativo de Governo claro e factível, no qual estão expressamente indicadas as mudanças que o país sofrerá com a chegada do PT ao governo. Esse programa comporta um conjunto de propostas democráticas e populares que reformem profundamente a sociedade brasileira. Democratizar a vida econômica e social e o Estado, acabar com a miséria e as desigualdades regionais e estabelecer a soberania e a independência nacionais são as linhas mestras desse programa que deve precisar claramente o que cada setor da sociedade pode esperar do governo do PT.

Roberto Parizotti

A vitória da candidatura Lula está indissoluvelmente ligada à nossa capacidade de criar canais e mecanismos de participação ágeis e acessíveis a qualquer cidadão que queira engajar-se na campanha

Os trabalhadores e demais setores desfavorecidos da sociedade devem saber que serão os setores privilegiados durante o governo Lula. Os pequenos empresários e demais setores médios, em particular os pequenos produtores rurais, precisam entender que serão beneficiados, enquanto a burguesia terá que curvar-se à evidência de que o PT não concorda em retomar o crescimento econômico às custas dos trabalhadores e do abandono da luta pelas transformações socialistas.

Alianças

O Programa Alternativo de Governo é, ainda, o suporte da política de alianças da candidatura Lula. Esta tem que credenciar-se como porta-voz de um bloco de forças integrado pelos trabalhadores manuais da cidade e do campo — aí incluídos setores expressivos de pequenos proprietários rurais — aliados aos trabalhadores intelectuais e com capacidade de atrair, igualmente, os pequenos empresários e os médios cujas contradições com o grande capital sejam visíveis. Em termos políticos, isso significa atrair, já para o primeiro turno, o PV, PSB e os PC's, além de setores influenciados pelo PSDB e PDT.

A garantia, porém, de aplicação dessa estratégia é que a campanha presidencial do PT tenha um caráter de massa. A vitória dessa candidatura está indissoluvelmente ligada à nossa capacidade de criar canais e mecanismos de participação ágeis e acessíveis a todos aqueles que queiram abraçar a campanha presidencial. Só aproveitando o despertar de energia popular que resultou da vitória eleitoral do PT em 1988 seremos levados à vitória em 1989, para construir um novo Brasil, com Lula na presidência.

*Coordenador da Campanha Lula-89

Lula-89

A campanha já começou

A coordenação está montada, a tática definida e o candidato lançado. Agora, é hora de organizar comitês, arrecadar fundos e levar a disputa para as ruas

No raiar do Ano Novo, o do centenario da Proclamação da República, que ainda não existe no país como expressão verdadeira de "coisa pública", de governo do povo, começa a ganhar força de massas a campanha eleitoral do primeiro operário que, na historia do Brasil, tem chances efetivas de chegar à Presidência da República e de viabilizar a instauração no país de um governo democrático-popular.

Neste dia 1º de janeiro, o Lula estará presente nas posses de vários prefeitos petistas, confraternizando com a população de Porto Alegre, São Paulo, Santos, São Bernardo, Diadema, Santo André. No dia 2, deve visitar Campinas e, a partir daí, conclui os preparativos para sua primeira viagem ao exterior em 1989.

O primeiro roteiro (de um conjunto de três de maior duração) começa em Havana, passa por Manágua, Lima e Santiago e se encerra em Buenos Aires, indo de 4 a 19 de janeiro. Os outros dois roteiros, em março e maio, cobrirão as duas Alemanhas, Suécia, França, Espanha, Itália, Estados Unidos, China e União Soviética.

As viagens visam ampliar o nível de relacionamento do Lula e do PT com governos e forças políticas e sociais, projetar a imagem do Lula como estadista e trocar experiências nos países visitados. Desenvolvendo reuniões de trabalho nestes países, o PT pretende apresentar propostas de realização de conferências internacionais de países devedores e de países credores pela solução política da questão da dívida externa.

Concurso e carnaval

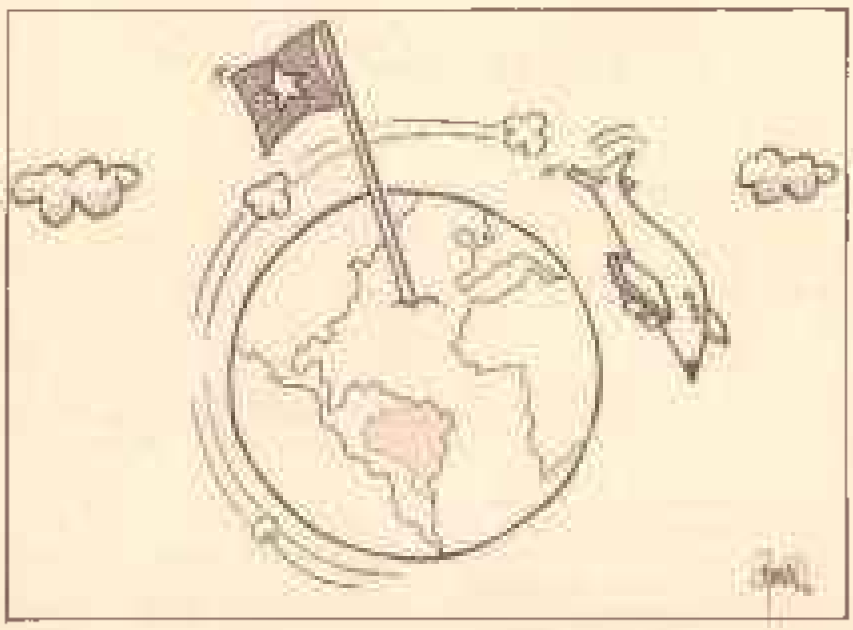
Desde já, está lançado um concurso nacional para apresentação de jingles, slogans e cartazes para a campanha do Lula, cuja seleção será pública, num grande festival.

Também a partir de agora, os DRs, DMs e núcleos devem tomar a iniciativa de montar comitês, havendo experiências inclusive de comitês de candidatos a vereador que se transformar em comitês do Lula. A espontaneidade e as iniciativas locais, sobretudo no plano da arrecadação financeira, do debate do Programa Alternativo de Governo (a ser divulgado a partir de janeiro/fevereiro) e da mobilização, são fundamentais para o sucesso da campanha.

Na última reunião do DN foi definido o comitê político da campanha. Coordenado pelo companheiro Wladimir Pomar, ele é integrado pelos seguintes membros do DN: José Dirceu, Francisco Weffort, Plínio de Arruda Sampaio, José Genoíno, Benedita da Silva, Hamilton Pereira, Osvaldo Bargas, João Machado, Cândido Vacarezza, Virgílio Guimarães, mais os companheiros Ricardo Kotscho e Wander Prado, assessores do Lula. A este comitê, que reporta à Executiva e ao DN, estará subordinado uma coordenação executiva, composta por grupos de organização, finanças, pesquisa, comunicação e apoio/infra-estrutura.

Nesse período de relativo refluxo, que se segue às festas de fim de ano e a chegada do Carnaval, o PT lança a proposta de os militantes e simpatizantes organizarem blocos carnavalescos, para recuperar a tradição de rua e cuja temática seja o Brasil e a candidatura Lula. O mote "Lula Presidente" deve estar presente no carnaval de rua de todo o Brasil.

Por último, é bom lembrar outra vez o número da conta para as contribuições financeiras individuais: 13.000 1 Lula 89 — PT Agência Banco do Brasil 0300X.



LULA PRESIDENTE

A grande luta começa em casa.

Participe!

Vamos fazer de cada casa um comitê da campanha LULA-89. As casas da tua rua, as ruas do teu bairro, os bairros da tua cidade, as cidades do teu Estado, todos os Estados do Brasil precisam ser mobilizados desde já na primeira campanha presidencial da história do país promovida pelo próprio povo.

Tem muito jeito de ajudar:
criando músicas para a campanha,
passando vídeos do Lula e do PT,
mandando sugestões para a plataforma de governo e informações sobre a realidade da sua região.

Procure já o comitê mais próximo da sua casa.
Ou crie um.

Até a vitória!

Entrevista com Lula

O povo quer poder

O candidato à Presidência da República pelo PT critica as propostas de frente "anti-Lula" dos conservadores e fala do programa de governo

O candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, descarta a possibilidade de qualquer aliança com o PDT de Leonel Brizola no primeiro turno das eleições de 89. A declaração foi feita ao BN no intervalo da reunião da Comissão Executiva Nacional do partido, em 4 de dezembro passado.

"Não existe nenhuma possibilidade de alianças prévias num país onde as eleições são disputadas em dois turnos. Cada partido deve ter seu candidato. No segundo turno, disputarão os dois mais votados. Nós do Partido dos Trabalhadores estamos trabalhando para obter a maior votação logo no primeiro turno", afirma o deputado.

Lula acredita, porém, que seja possível algum tipo de acordo entre os partidos de esquerda no segundo turno: "É claro que o partido progressita - PT, PDT, PCB, PC do B, PSB... - que chegar lá deverá receber o apoio dos demais".

Quanto à proposta de uma "frente anti-Lula", apresentada recentemente pelo deputado Ulysses Guimarães, o candidato presidencial do PT duvida de sua viabilidade: "isso não seria uma unidade real e sim um samba do crioulo doido. Eles não conseguiram se entender nesses quatro anos de governo Sarney. Mas se conseguirem essa façanha, para nharmos, cabe aos diversos setores da classe dominante simplesmente as respeitarem". Lula acrescenta que "se vencermos, vamos devolver para uma parcela muito grande da sociedade aquilo que durante muitos anos lhe foi roubada. Ou os detentores do poder econômico absorvem esse fato ou então que se mudem daqui".

Lula: disputando para ganhar

Consolidar a democracia

Ao caracterizar o que seria um governo com Lula presidente, o líder petista na Câmara Federal diz que "será um governo de consolidação da democracia". Ao contrário do que afirmou recentemente o presidente Sarney, Lula não acha que o PT implantará o socialismo a partir de 1990. "Eu acho que isso não se faz por decreto-lei, muito menos que será uma coisa feita em 2 ou 3 anos. Agora, se nós conseguirmos moralizar esse país, se nós invertermos prioridades, se nós mudarmos a cultura política do povo, já teremos dado um passo mais do que revolucionário para o aperfeiçoamento da democracia".

> "Se ganharmos as eleições, cabe aos diversos setores da classe dominante simplesmente respeitarem as regras do jogo"

nós fica até mais fácil, porque o povo já aprendeu quem é quem na política brasileira". "Além disso - conclui o raciocínio -, quanto mais nossos adversários cometerem atos contraditórios, mais o PT cresce".

Perguntado como ele acha que as classes dominantes tendem a receber uma possível vitória do PT nas eleições de 89, Lula responde que "nós estamos disputando o poder dentro das regras do jogo estabelecidas pela nova Constituição. Portanto, se ga-

Lula encara com naturalidade a vitória do PT nas eleições municipais: "O PT tem uma história de coerência política e o povo enxergou isso. Todos sabem onde o partido começa e até onde ele quer chegar. É verdade que uma parcela da sociedade votou na base do protesto - contra o estado de miséria, contra a truculência do Exército em Volta Redonda, contra o tratamento dado pelo governo ao funcionalismo público etc. Mas votou também a favor de mudanças positivas, expressa na legenda do Partido dos Trabalhadores".

Planos de campanha

O candidato à Presidência pelo PT afirma que a campanha do partido deverá ser diferente de todas as feitas no Brasil até hoje. "Tentaremos despertar em cada trabalhador, em cada dona de casa a idéia de que é a pessoa mais importante da campanha, enfim, que é o agente que pode transformar a sociedade".

Essa postura se refletirá particularmente na política de finanças da campanha: "a gente vai competir contra candidatos que dispõem de milhões e milhões de dólares. Nós vamos nos basear na criatividade dos militantes. Faremos então uma campanha financiada pelo público, que sensibilize o cidadão com 1 cruzado, 10 cruzados, qualquer coisa. Para isso abrimos uma conta bancária para os que se dispuserem a contribuir".

Recado do Olívio

"A relação dos militantes petistas inseridos nos movimentos sociais com nossas futuras administrações tem que ser ainda mais militante, mais intensa do que tem sido até agora.

O PT será peça fundamental no enlace das administrações com a população trabalhadora. Se o PT não tiver militantes empenhados e instâncias organizadas (núcleos e diretórios), as administrações terão maiores problemas.

*Em resumo: um bom trabalho de nossas administrações dependerá muito de nossa estruturação e de nossa militância de base. Mas estamos confiantes, porque com o entusiasmo de nossa militância, as administrações petistas terão o apoio das bases populares das cidades". **(Olívio Dutra, ex-presidente nacional do Partido dos Trabalhadores)***

SAIBA DO PT

Saiba
da vida do Partido
das idéias em debate
das administrações municipais
da atuação de nossos parlamentares
da Campanha à Presidência da República

Simpatizante, filiado, militante, dirigente: saiba tudo sobre o PT. Petista de coração, petista prá valer, tem que estar bem informado, antes de mais nada, sobre o seu Partido. Ainda mais agora.
As publicações do PT são a sua garantia de estar por dentro de tudo que está acontecendo no Partido, e as questões de interesse de todos os trabalhadores.
Confira - adquira essas publicações em seu diretório e leia-as. Ou peça sua assinatura direto para nós, seguindo as instruções do cupom. E se baixar o espírito natalino, dê uma assinatura de presente para o seu melhor amigo.

RECEBA AS PUBLICAÇÕES DO PT

Agora está simples e rápido. Escolha quais publicações lhe interessam, calcule o valor total das assinaturas e envie **cheque nominal ao Partido dos Trabalhadores**, juntamente com este cupom preenchido, para:

Departamento de Circulação do PT
Av. 11 de Junho, 260
04041 - São Paulo - SP

Não tem cheque?
Procure o seu diretório e faça as assinaturas.

NÃO MANDE VALE POSTAL

( ) Jornal do PT - 12 edições - Cz$ 3.000,00
( ) Revista Teoria & Debate - 4 edições - Cz$ 4.500,00
( ) Boletim Nacional - 12 edições - Cz$ 3.000,00

Nome:.....
End:.....
Cidade:.....Estado.....
Cep:..... Profissão:..... Idade.....
Telefone:.....Filiado ao PT?.....

Opinião

O frágil equilíbrio da economia

O quadro é grave, mas existem alguns elementos que dão uma certa margem de manobra ao governo

Carlos Eduardo Carvalho*

O governo tem condições de continuar empurrando os problemas econômicos com a barriga ou estamos de fato às vésperas de um agravamento sem precedentes desta crise que se arrasta há tanto tempo? A resposta não é fácil.

O capitalismo brasileiro tem particularidades que desafiam teóricos e analistas há muito tempo e que não ficam menos estranhas pelo fato de estarmos aparentemente acostumados a elas. Afinal, nenhum texto clássico de economia admitiu que o sistema pudesse "funcionar" com inflação de 27% ao mês. E aqui estamos nós discutindo se estamos à beira do abismo ou se é apenas mais um degrau de um processo que se agrava de forma ordenada.

Ninguém acredita que o governo Sarney possa resolver a crise *(ver, a propósito, a proposta de Plano Econômico Alternativo de Emergência, na pág. 6)*. Não apenas pela sua manifesta incapacidade de fazê-lo, sobejamente demonstrada, mas porque às vésperas de eleições imprevisíveis não há como pensar em um volume elevado e articulado de investimentos produtivos, do setor público e privado, nem em soluções de fundo para problemas como a dívida externa ou a desorganização financeira do Estado. Portanto, a questão é saber se o governo pode impedir um agravamento da crise de forma qualitativamente distinta da que tivemos até aqui. E aqui se pensa em dois problemas básicos: inflação e recessão.

Margem de manobra

O aspecto importante a observar neste sentido é a existência ou não de alguma margem de manobra por parte do governo. Comparando-se o quadro atual com outro momento crítico do governo Sarney - o segundo trimestre de 1987, às vésperas do Plano Bresser - pode-se dizer que a crise ali estava pior que hoje. Havia uma crise cambial séria: o saldo comercial com o exterior havia se reduzido drasticamente, as reservas tinham caído muito e a moratória improvisada e sem rumo não era administrada pelo governo. Ao mesmo tempo, a crise do cruzado deixara muitas empresas em grave situação financeira, provocada pela volta da inflação elevada e da correção monetária das dívidas. Havia o risco da quebradeira em série, ameaçando os próprios bancos.

Hoje o governo conta com alguma margem de manobra nestas duas frentes. O saldo comercial bastante elevado deixa espaço para aumentar as importações em 1989. Por aqui seria possível aumentar a oferta de produtos de consumo, em especial os de primeira necessidade, reduzindo as pressões inflacionárias, além de estimular a compra no exterior de máquinas e equipamentos para modernizar a indústria, o que elevaria um pouco a taxa de investimentos da economia. Além disso, as empresas estão, em geral, em boa situação financeira, adaptadas ao quadro de estagnação dos últimos meses, aparentemente em condições de suportar mais um ano nesta mesmo situação.

Ano de eleição

Pelo lado das finanças públicas, o governo tem conseguido elevar a arrecadação de impostos e obteve alguma folga às custas dos funcionários públicos. É possível que as mudanças na tributação do over reduzam um pouco o custo da rolagem da dívida pública, trazendo um alívio a mais. Assim, não parece provável a ocorrência de uma recessão acentuada em 1989, inclusive porque, pelo próprio ano eleitoral, o governo não deverá promover nenhum arrocho salarial além dos níveis atuais, nem irá conter drasticamente seus gastos, devido à necessidade de costurar alianças políticas pelo país afora.

Nada disso, evidentemente, assegura que a inflação não vá disparar. A utilização de importações pode se revelar lenta demais, como no cruzado. E algum atropelo no mercado financeiro pode provocar a evasão acelerada de dinheiro, precipitando uma crise muito grave. A saúde financeira das empresas está, em sua maioria, convertida em depósitos no over ou seja, em títulos públicos, e muitas delas estão transferindo parte destas reservas para o ouro ou para o exterior, como precaução. Se este processo se acelera por alguma razão de ordem econômica ou política, o quadro se deteriora rapidamente.

Por outro lado, em relação aos instrumentos que o governo dispõe, resta sempre o recurso de um novo congelamento, ou as pressões sobre os empresários para efetivar algum acordo que evite "o pior" (por exemplo, uma vitória eleitoral do PT em 89). As sucessivas e fracassadas tentativas de "pacto social" refletem essas pressões. Só que os próprios empresários não conseguem chegar a um consenso sobre os seus termos, a não ser num ponto: arrochar mais ainda os trabalhadores.

O que desejamos ressaltar, porém, é que a economia não está no "caos". O governo conta com margem de manobra para empurrar os problemas um pouco mais. Sem dúvida é um equilíbrio muito frágil, mas que ainda consegue se sustentar.

*Economista

O que é a hiperinflação

Pode-se dizer que hiperinflação é um processo de perda de confiança no valor do dinheiro, culminando com uma corrida em que as pessoas procuram se desfazer dele cada vez mais rapidamente. Neste ponto, a velocidade da alta dos preços, e da desvalorização do dinheiro, é tamanha, que ficar com ele até mesmo por apenas algumas horas é prejuízo certo. Assim, hiperinflação não é apenas inflação alta, ou muito alta. É uma situação em que a perda de confiança no dinheiro leva ao colapso da economia, toda ela obviamente baseada nas trocas através da moeda. O resultado é fatalmente um movimento desordenado de destruição e de transferência de riquezas, saindo-se melhor quem consegue mais rápido se livrar do dinheiro, acumulando bens que não se desvalorizem.

Há poucos exemplos de hiperinflação, quase todos ocorridos em situação de guerra (Grécia e Hungria no fim da II Guerra Mundial, a China às vésperas do triunfo da Revolução) ou em meio a grave crise política (Alemanha em 1923). Um exemplo recente é o da Bolívia, poucos anos atrás, formando um conjunto de países e de situações históricas muito diferentes entre si.

No Brasil, a inflação alta e persistente não evoluiu até aqui para uma hiperinflação devido à proteção de alguns fatores que não existiam nestes países. Um deles é a indexação do mercado financeiro, garantida pelo governo, que permite a correção do valor do dinheiro depositado nas cadernetas e no over. Este dinheiro encontra um refúgio, até aqui confiável, contra a corrosão inflacionária, evitando que seus detentores procurem abandoná-lo a todo custo, o que levaria à hiperinflação. Este sistema faz com que as perdas da inflação sejam "ordenadas", protegendo os valores depositados no mercado financeiro e corroendo os salários, reajustados pela URP, abaixo da correção monetária. (CEC)

NESTES LIVROS, A ESTRELA DO PT

É claro que você ficou contente com as vitórias do PT nas eleições. Mas agora é hora de arregaçar as mangas, porque tem muito trabalho pela frente. Prepare-se para o que vem por aí com esta seleção de livros da Brasiliense que representa o melhor da teoria e da prática. Siga a estrela.

LANÇAMENTO

DA DISTRIBUIÇÃO DA RENDA E DOS DIREITOS À CIDADANIA
Eduardo Matarazzo Suplicy
348 pp. - Cz$ 11.000,00
O mais votado entre os novos vereadores de Capital começou com manifestações, empresários, lideranças sindicais e políticos para escrever um livro original e aconchegante sobre a realidade brasileira. E lê de um fôlego só. E aprende muito com ele. Não perca.
Ref. 01

VIVENDO E APRENDENDO
Paulo Freire, Nadiska e Miguel Darcy de Oliveira, Claudius Ceccon
127 pp. - Cz$ 2.015,00
A experiência de quatro educadores brasileiros no exílio, e sua bem-sucedida tentativa de "viver e construir uma pedagogia do oprimido". Fundamental para você que, enfim, vai participar de um grande programa de educação popular.
Ref. 02

CUIDADO, ESCOLA!
Roberto Harper, Claudius Ceccon, Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira
apresentação Paulo Freire.
119 pp. - Cz$ 5.300,00
Como é [illegible] uma escola como essa sociedade capitalista? Quem controla o sistema? Para que e a quem serve? A quem a escola serve? Será que será lá sabe mesmo as respostas? Corte.
Ref. 03

ECONOMIA POLÍTICA DA URBANIZAÇÃO
Paul Singer
153 pp. - Cz$ 3.604,00
O Paul Singer é sempre surpresa. Apresentações. Nesta vez, ele lista os problemas da urbanização no contexto do desenvolvimento, exercício em corte as contradições entre as classes e as formas de dominação.
Ref. 04

INTRODUÇÃO AO PLANEJAMENTO MUNICIPAL
Ladislau Dowbor
132 pp. - Cz$ 2.015,00
Refletindo a capacidade sem nisha[illegible] das prefeituras, racionalizar os recursos financeiros, tornar o município mais eficiente. Uma coisa que pode parecer muito fácil na teoria, mas pode parecer muito difícil na prática.
Ref. 05

O DIA DE ÂNGELO
Frei Betto
137 pp. - Cz$ 1.200,00
Em seu primeiro romance, Frei Betto recria as cadeias da ditadura e discute a impunidade dos torturadores. "Uma obra que faz da arte o espelho onde a realidade se reflete e se critica."
Ref. 06

O QUE É JORNALISMO OPERÁRIO
Vito Giannotti
87 pp. - Cz$ 1.000,00
Metalúrgico, militante da Oposição Sindical, jornalista operário, Vito Giannotti ensina para você como transmitir "idéias, imagens, sonhos, barros, programas, palavras de ordem e até simples informações" aos operários brasileiros.
Ref. 07

O QUE É IDEOLOGIA
Marilena Chauí
120 pp. - Cz$ 1.000,00
"Ideologia é um mascaramento da realidade social que impede a legitimação da criação e da dominação." Será que é assim mesmo? Contra com a Marilena a questão da ideologia através da História.
Ref. 08

O QUE É GREVE
Marcia de Paula Leite
80 pp. - Cz$ 1.000,00
"A greve é sempre o principal instrumento que os trabalhadores têm para reverter a relação de exploração a que estão submetidos." A hora que você sabe o que é greve, como com este livro da Márcia.
Ref. 09

Entando Revista

FREI CANECA
Marco Morel
62 pp. - Cz$ 1.000,00
Biografia de um parte que chefiou a Confederação do Equador de [illegible] e considerado o precursor da "escola [illegible] liberação" [illegible] "revolucionário" ou "herói e mártir"?
Ref. 10

PEÇA SEUS LIVROS PELO CORREIO

(PEDIDO MÍNIMO Cz$ 2.000,00)
Preencha, recorte e ponha num envelope endereçado a Brasiliense Coleções Livros Ltda.
Rua da Consolação, 2697 - Jardins
Caixa Postal 30.644 CEP 01415
São Paulo - SP

Assinale a sua opção de pagamento:
☐ Reembolso Postal (Você paga os livros e a tarifa postal, quando receber o seu pedido)
☐ Cheque nominal, anexo ao pedido, a favor de Brasiliense Coleções Livros Ltda. (Você paga antecipadamente, mas só valem os vales do Correio por cruzeiro corte)

Assinale os livros que você quer receber:
Ref. 01 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 | 08 | 09 | 10

NOME: _____
RUA _____
CIDADE _____ **ESTADO** _____ **CEP** _____
ASSINATURA _____

brasiliense

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 15/01/89

Vitória do PT